



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DESIGN-MODA**

RENATA DE OLIVEIRA SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS NO TRAJE
DA MULHER DOMINADORA NA PRÁTICA DO BDSM**

**FORTALEZA
2021.2**

RENATA DE OLIVEIRA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS NO TRAJE
DA MULHER DOMINADORA NA PRÁTICA DO BDSM

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Aline Teresinha Basso

FORTALEZA
2021.2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S238i Santos, Renata de Oliveira.
A importância dos elementos simbólicos no traje da mulher dominadora na prática do BDSM / Renata de Oliveira Santos. – 2021.
84 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Aline Teresinha Basso.

1. Couro. 2. BDSM. 3. Dominadora. 4. Simbolismo. I. Título.

CDD 391

RENATA DE OLIVEIRA SANTOS

A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS NO TRAJE
DA MULHER DOMINADORA NA PRÁTICA DO BDSM

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Design-Moda.

Aprovada em: 14/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Aline Teresinha Basso (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Marta Sorélia Félix de Castro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Esp. Joelma Damasceno de Matos
Universidade Federal do Ceará(UFC)

Às Deusas.

AGRADECIMENTO

Ao ser que enche a minha vida de alegria e me faz transbordar de amor, dúvidas e força. Sem a existência dela, não saberia que caminho seguir.

Agradeço a existência da minha filha Angelina, por segurar minha mão, sempre torcer por mim, ser destemida e uma Deusa na terra.

Agradeço à minha família por ser meu lugar de apoio quando estou prestes a sucumbir.

Agradeço aos meus amados amigos, amigas e amigues que estiveram comigo nesses anos de graduação na Universidade Federal do Ceará. São a família que o universo me presenteou, nos momentos mais felizes e nas incertezas da vida, sempre presentes me dando forças para continuar.

Agradeço a todas as professoras e professores do Curso Superior de Bacharelado em Design de Moda da Universidade Federal do Ceará, por esses anos de partilha segura e paciente de conhecimento, vocês me serviram de profunda inspiração para seguir no caminho da moda.

Agradeço à minha querida Orientadora, Prof^ª. Dra. Aline Teresinha Basso, que sem seus encaminhamentos e paciência não conseguiria chegar ao fim desse trabalho.

Agradeço às minhas Deusas, por nunca me deixarem só e por serem minhas guias.

Agradeço a todos os seres que sempre questionam, subvertem e lutam contra os padrões patriarcais impostos a nós.

“Se uma mulher tem poder, porque é que é preciso disfarçar que tem poder? Mas a triste verdade é que o nosso mundo está cheio de homens e de mulheres que não gostam de mulheres poderosas.”

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Esta pesquisa consiste em entender como o vestuário atua como forma de expressão na roupa da mulher dominadora na prática do BDSM. Analisar por quais caminhos o couro seguiu até encontrar lugar de destaque nas práticas sexuais dessa cultura. A moda imprime e direciona diferentes condutas a diversos grupos sociais, com isso, buscamos desenvolver pesquisa sobre a evolução histórica do couro em prática fetichista pertencente a cultura BDSM, a fim de entender os mecanismos do fetichismo como linguagem de sedução e poder sobre o outro. A metodologia aplicada neste trabalho privilegiou a pesquisa bibliográfica e documental, por meio de livros, monografias, teses, jornais, cinema, música e moda. Posteriormente, foi feita uma pesquisa de campo através de entrevista estruturada com mulheres atuantes como profissionais dominadoras na cidade de São Paulo. Desta maneira, foi possível compreender alguns dos mecanismos simbólicos que influenciam o uso do couro como segunda pele para a dominadora, como um artefato de poder.

Palavras-chave: Couro. BDSM. Dominadora. Simbolismo.

ABSTRACT

This research consists of understanding how clothing acts as a form of expression in the clothing of the dominant woman in the practice of BDSM. To analyze which paths leather followed until finding a prominent place in the sexual practices of this culture. Fashion prints and directs different behaviors to different social groups, with this, we seek to develop research on the historical evolution of leather in fetishistic practice belonging to BDSM culture, in order to understand the mechanisms of fetishism as a language of seduction and power over the other. The methodology applied in this work favored bibliographic and documentary research, through books, monographs, theses, newspapers, cinema, music and fashion. Subsequently, a field research was carried out through structured interviews with women acting as dominating professionals in the city of São Paulo. In this way, it was possible to understand some of the symbolic mechanisms that influence the use of leather as a second skin for the dominator, as an artifact of power.

Keywords: Leather. BDSM. Dominant. Symbolism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Ilustração feita por Mauricio Antón do uso de peles por hominídeos.....	33
Figura 2: Pôster do filme com o ator Marlon Brandon e sua jaqueta de couro.....	36
Figura 3: Atriz dos anos 50, Emma Peel, em um popular programa de televisão americano usando as “botas bizarras”.....	37
Figura 4: Jovens Punk inglesas.....	38
Figura 5: Vivienne Westwood (à dir.) posa com alguns modelos usando suas criações no interior da sua <i>boutique</i> de nome <i>Sex</i>	39
Figura 6 : Madonna no filme de 1987 " <i>Who's that girl</i> ".....	40
Figura 7: Michael Jackson, em performance, fotografado por David Mcgough em 1988.....	40
Figura 8: Luíza Sonza se apresentando com danças sensuais em roupa fetichista.....	41
Figura 9: Pabllo Vittar no set de gravação do seu clipe em 2022.....	42
Figura 10: Cantora Gloria Groove preparada para seu show com traje fetichista.....	42
Figura 11: Thierry Mugler Primeira-Verão 1977 Paris Fashion Week.....	45
Figura 12: Criações do estilista Azzedine Alaïa expostas em 2018 no Design Museum de Londres.....	45
Figura 13: John Galliano para coleção Outono - Inverno da Dior no ano 2000.....	46
Figura 14: Outono - Inverno de Gianni Versace no ano de 1992.....	46
Figura 15: Madonna com peça criada por Jean Paul-Gaultier para desfile beneficente da AmFar em 1992.....	47
Figura 16: Fotos do catálogo “gummi” com peças da grife de Vivienne Westwood.....	47
Figura 17: Espartilho [Esquerda] Espartilho Infantil [Centro] Espartilho [Direito] usados na França.....	52
Figura 18: Modelo de corset utilizado na Inglaterra do séc. XVIII.....	52
Figura 19: Retrato de Rainha Elizabeth I, autor desconhecido, 1600.....	53
Figura 20: Retrato de Catarina, a Grande feito pelo pintor Fedor Rokotov em 1763.....	53

Figura 21: Retrato de Catarina de Médici, cerca de 1566, autor desconhecido.....	54
Figura 22: Góticos fotografados por Sabine von Bassewitz em 2005.....	55
Figura 23: Beyoncé usa espartilho criado por Christian Lacroix para seu clipe <i>Partition</i> em 2013.....	56
Figura 24: Modelo Bella Hadid com corset Vivienne Westwood pelas ruas de Nova York em 2019.....	56
Figura 25: A rapper Cardi B usando peça, criada em 1997 por Thierry Mugler, para assistir desfiles do Paris Fashion Week - 2021.....	57
Figura 26: Madonna com o icônico modelo de Jean Paul Gaultier na turnê <i>Blond Ambition</i> de 1990.....	57
Figura 27: Donatella Versace revisitou a coleção de 1992 de Gianni Versace para criação do Outono-Inverno da Versace em 2019.....	58
Figura 28: Fotografia de Helmut Newton para campanha da Letage em 2013.....	60
Figura 29: Mulher-gato e seu chicote.....	61
Figura 30: <i>The Cully Flaug'd</i> - Ilustração feita Marcellus Laroon II entre 1674-1702.....	63
Figura 31: Fotografia de Jacques Biederer de Dominadora punindo seu submisso.	64
Figura 32: Modelos com peças criadas pela empresa <i>Yva Richard</i>	65
Figura 33: Páginas da Revista <i>London Life</i>	65
Figura 34: Capa da <i>The Bizarre Lovemakers</i> , Bruce Rogers, 1967.....	66
Figura 35: Cena do filme <i>Maîtresse</i> , 1975, Diretor: Barbet Schroeder.....	67
Figura 36: Pôster do filme <i>Dominatrix without mercy</i> , 1976, Diretor: Shaun Costello.....	67
Figura 37: Personagem Tiazinha.....	68
Figura 38: Matéria sobre a profissão da Dominadora Dommenique Luxor na revista <i>Glamour Brasil</i> em Dezembro de 2021.....	68

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	O QUE É ESSE TAL DE BDSM	16
1.1	Mas de onde veio o BDSM.....	19
1.2	Moda, poder e BDSM.....	22
1.3	BDSM no Brasil.....	27
2	HISTÓRIA DO COURO: DA PROTEÇÃO À SEDUÇÃO	31
2.1	Couro descoberto para proteção.....	31
2.2	Evolução do uso do couro na contemporaneidade.....	34
2.3	Fetichismo no couro.....	42
3	A SEXUALIDADE E A MODA	47
3.1	O abraço do corset.....	49
3.2	Sapatos feitos para o prazer e a dor.....	58
3.3	Chicotes que excitam.....	60
3.4	A construção da segunda pele da Dominadora.....	61
4	ENTREVISTAS COM AS DOMINADORAS	69
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXOS	86

INTRODUÇÃO

A maioria dos estudos sobre BDSM permanece focado nas relações de gênero, na sexualidade, nos aspectos psíquicos e patológicos, não aprofundando no papel da vestimenta na prática em si, não trazendo relação entre o uso de materiais específicos para construção das peças utilizadas no BDSM com o significado das praticantes em utilizá-las. Devido a esse fato, este trabalho tem como foco principal compreender como atuam alguns mecanismos simbólicos das principais peças da mulher dominadora, para isso faremos uma análise da vestimenta sendo protagonista na prática da dominação, buscando entender o uso do couro na construção dessa persona dominadora.

Existem as sexualidades legitimadas socialmente, nas quais são tradicionalmente voltadas a práticas reprodutivas, dentro do casamento, heteronormativas, realizadas em espaços privados e implicam, em sua grande maioria, na não importância do traje ou na performance do ato. Em contraste, existem as sexualidades que vão ser antagônicas, por razões que o próprio ser humano muitas vezes irá questionar tradições, valores e comportamento sociais, tratando-se assim de serem colocadas como sexualidades dissidentes.

Para o grupo dessas sexualidades dissidentes, o conceito de amor, prática sexual e prazer está fortemente ligada a performances, regras, acordos, diálogos, consensualidade, e sobretudo, focados na construção de uma indumentária própria para que o ato esteja completo.

Antes de mais nada, o BDSM é um estilo de vida, no qual seus praticantes defendem de forma primordial, que suas relações envolvem ações seguras, em que cada um tem seu papel de acordo com o prazer e a satisfação almejada.

Contudo, alguns discursos de origem tradicional religiosa e de origem na medicina, veem o BDSM de forma marginalizada e patológica, visto por alguns como perversão sexual a ser tratada como transtorno mental.

Quando eu descobri as obras de Marquês de Sade no ensino médio, e com o despertar para diferentes tipos de performances na sexualidade, era inevitável a busca por informações mais amplas e diversificadas, além dos livros desse autor. Importante ressaltar que o sadismo de Sade nada tem a ver com o praticado no BDSM, visto que o primeiro defendia que o prazer deveria ser tomado à força, já no BDSM, sempre será de forma consensual.

O primeiro contato que temos com a relação simbólica entre a indumentária e a posição de uma mulher dominadora é na obra do escritor Sacher-Masoch, no livro “A Vênus

das Peles”. Nela, o uso de uma segunda pele em seu corpo instrumento é o objeto ao qual seu adorador se submete. Este trabalho consiste em buscar entendimento entre moda, poder e BDSM. Com especificidade na construção simbólica do couro na roupa da dominadora e qual mecanismo dentro do sistema de moda a faz ser vista como portadora do signo de poder através da sua indumentária. Com isso, o estudo é focado na construção de identidades através do vestuário e de como os simbolismos da moda afetam os adeptos do BDSM.

A moda quando alia-se aos fetichismos derivados da cultura BDSM permite, até para quem não participa de suas atividades, aproximar-se da sensação psicológica de poder que a indumentária desperta em quem a usa. O BDSM permite que cada indivíduo assuma uma identidade e vivencie sua sexualidade, com suas fantasias e fetiches próprios, enquanto a moda como fenômeno social trata de dar significado simbólico a essa identidade.

Para esta pesquisa buscamos referências no mundo da moda, cinema, literatura, música e de pesquisadores focados no estudo de poder, gênero, sexualidade, fetiche e moda. Nesse contexto, procuramos embasar esse apurado histórico com pesquisa bibliográfica e documental em revistas de moda, movimentos sociais, filmes, sites e entrevistas com mulheres profissionais na arte da dominação atuantes no mercado brasileiro.

Procuramos seguir o seguinte objetivo: compreender o uso do couro na prática fetichista das mulheres no BDSM, assim, através da conceituação do BDSM e seu contexto histórico e político investigamos suas referências na moda e seus desdobramentos no Brasil.

Para chegarmos aos nossos objetivos, optamos pela pesquisa qualitativa, através de bibliografia e de questionário estruturado. Gil (2002, p. 03) explica que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. Pelo fato de procurar compreender uma realidade particular e individual do uso do couro na roupa da dominadora, a pesquisa bibliográfica foi realizada com o suporte de monografias, teses, livros, revistas, jornais, sites e dicionários. A entrevista estruturada foi aplicada com o objetivo de corroborar ou contrapor os dados encontrados na pesquisa bibliográfica.

Abordamos o uso de pele animal na indumentária, seus caminhos e significados através dos séculos até chegarmos ao simbolismo fetichista desse material. Entendemos como

a moda e a indumentária foram cruciais para o entendimento coletivo dessa mulher buscando o poder por meio da sua sexualidade e valendo-se da moda para isso.

O presente trabalho encontra-se dividido em 3 capítulos. O primeiro capítulo situa o leitor sobre as definições, problematizações, referências de moda e chegada das práticas BDSM ao Brasil. O segundo capítulo mostra quando o couro passou a evocar signos de poder e fetiche, em vez de apenas contar com sua função de proteção corporal. No terceiro capítulo apresenta as definições de sexualidade dentro do BDSM e sua ligação com a moda fetichista, trazendo os principais acessórios e peças que reforçam a imagem da mulher dominadora, tanto no cinema, literatura, moda, quanto no sistema de moda.

1. O QUE É ESSE TAL DE BDSM

Para definir o acrônimo BDSM serão utilizados estudos de Margot Weiss, Bruno Zilli e Agni Shakti para detalharmos as principais definições e contexto histórico sobre a cultura BDSM.

O ato de compartilhar uma linguagem e definições de determinados grupos, como aponta Weiss (2011), faz com que o indivíduo dentro do grupo reconheça a si mesmo, seus desejos, práticas, estilo e suas peculiaridades e no coletivo o grupo também seja afirmado.

Weiss (2011) explica o BDSM como:

Os termos SM e BDSM são usados de forma intercambiável para denotar uma comunidade diversa que inclui aficionados por amarração, dominação/submissão, dor ou *sensation play*, troca de poder, *leathersex*, *role-playing*, e fetiches. A comunidade abraça uma larga variedade de práticas, de tipos de relacionamentos, e de papéis, que vão desde as práticas mais comuns (por exemplo, amarração por cordas ou *flogging*), para as menos comuns (plays com o tema do incesto ou plays nos quais um dos praticantes imita um pônei), e ainda assim todas essas variações são colocadas sob o termo guarda-chuva do BDSM. (WEISS, 2011, p. VII, tradução nossa ¹).

BDSM é uma sigla composta por três conjuntos de termos: *Bondage*² e disciplina (B & D), dominação e submissão (D/s), e sadomasoquismo (SM). Como tal, é um termo abrangente. BDSM se refere a uma variedade de interesses sexuais e práticas. Algumas práticas são físicas (por exemplo, surras, açoites), algumas são psicológicas ou afetivas (por exemplo, cenários de punição, mestre/submisso, jogos de fantasia) e outros, como fetichismo ou servidão, pode ficar focado apenas em uma prática ou pode ser a combinação de várias.

As práticas dentro do BDSM são consentidas e desejadas por todos os participantes. Por estas razões, BDSM é diferente de não consensual, abuso ou agressão. Entre os adeptos e

¹ Livre tradução do original: “The terms SM and BDSM are used interchangeably to denote a diverse community that includes aficionados of bondage, domination/submission, pain or sensation play, power exchange, leathersex, role-playing and fetishes. The community embraces a wide range of practices, relationship types, and roles, ranging from the more common (for instance, rope bondage or flogging) to the less so (playing with incest themes or playing at being a pony), yet all of these variations fit under the umbrella term BDSM” (WEISS, 2011, p. VII).

Os termos em itálico - “play”, “sensation play”, “leathersex”, “role-playing” e “flogging” - não foram traduzidos, uma vez que esses termos do BDSM são adotados por praticantes brasileiros sem tradução para o português. “Leathersex” ou “sexo com couro” se refere ao fetiche por tudo relacionado a, ou que inclua, objetos ou vestimentas revestidas em couro; “role-playing” ou “jogos de performance” se referem aos fetiches encenados (ex: aluno-professor, policial-criminoso, médico-paciente); “Flogging” ou ato de “açoitamento” com a utilização do flogger (chicote feito de couro ou com outros materiais para marcar a pele).

² A tradução em inglês significa servidão, mas significa a prática de restrição física, como a utilização de algemas, cordas ou acorrentar alguém a algum objeto.

simpatizantes do BDSM, é amplamente divulgada a ideia da prática com três principais pilares para iniciação entre os envolvidos, o SSC, sigla para São, Seguro e Consensual, que coloca o consentimento no centro das práticas para que não sejam interpretadas como crime, abuso ou patologia. De acordo com Zilli (2007), existe um procedimento de segurança, a *safeword*³, normalmente é utilizada quando alguma ação cruza uma fronteira física, emocional ou moral e funciona como um código para que o acordo do SSC não seja quebrado e que os limites estabelecidos não sejam desrespeitados. Quando a *safeword* é acionada, seja ela uma palavra, gesto ou outro sinal, a ação deve ser interrompida ou sua frequência amenizada imediatamente enquanto outras podem ser utilizadas para sinalizar a vontade de continuar, mas a um nível reduzido de intensidade.

No meio acadêmico, o sadomasoquismo e os fetiches derivados do mesmo ainda são pouco explorados sob a denominação de BDSM. Segundo Zilli (2007), trata-se de uma categoria nomeada e estudada por seus adeptos no esforço de se identificarem em sua forma de realizar e desejar a sexualidade. Até mesmo entre seus próprios adeptos o significado de BDSM é amplo. Para Shakti (2008, p.20) trata-se de “um conjunto de comportamentos e necessidades sexuais entre parceiros adultos, comumente denominados ‘sadomasoquismo’ ou ‘SM’, e que têm como adeptos pessoas de todas as opções sexuais”.

Silva, Vera (2016) explica que algumas das práticas de característica sexual que permeiam o BDSM são classificadas pela Psiquiatria e pela Psicologia como patologias sexuais, como, por exemplo, o sadomasoquismo e o fetichismo, mesmo que alguns praticantes não considerem o fetiche sendo pertencente ao BDSM. Na grande maioria das práticas, no entanto, são os jogos eróticos denominados de dominação e submissão que predominam entre seus adeptos, ainda que estes possam ter contornos sadomasoquistas.

Contudo, para Zilli (2008) o BDSM parte da premissa onde os sentimentos e sensações vivenciados neste tipo de práticas e a possibilidade de explorar e dividir ideias e experiências, refletem uma prática relacional saudável, na qual a confiança e o diálogo são incentivados entre os parceiros, antes, durante e após as práticas realizadas.

Shakti (2008) define que uma atividade no BDSM não é conduzida necessariamente

³ Palavra de segurança. Disponível no link:

<https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/material-didatico-010-palavra-de-seguranca-safe-word/> Acessado em: 16/01/2022

por pessoas envolvidas afetivamente ou que se conhecem. Além das *play parties*⁴, encontro em que as ações podem ser praticadas entre desconhecidos, existem também pessoas contratadas para atuar numa cena BDSM, numa relação comercial onde a performance é realizada por uma profissional experiente. É o caso da mulher que pratica dominação profissional, também conhecida como dominatrix. Sobre essa personagem, Shakti (2008) explica:

Qualquer um que deseje e possa pagar terá seus desejos realizados. Ela se sujeita às condições do cliente e precisa de toda uma estrutura para atendimento. Uma Domme⁵ Profissional que se preze tem um *dungeon*⁶, ou no mínimo um espaço adequado para receber seus clientes. (SHAKTI, 2008, p. 40)

Embora as representações mais populares do BDSM foquem na dor, a dinâmica central é a troca consensual de poder. Em cenas BDSM, o *top*/dominante tem o controle sobre a cena, enquanto o *bottom*/submisso recebe as atenções do *top*; um *switch* é uma pessoa que gosta de ambos os papéis. Numa relação BDSM, quem está na posição de *dom* ou *domme* é designado *top*, ou seja, está na posição hierárquica superior. Embaixo está o *bottom*, que também é chamado de submisso/submissa.

O principal meio de difusão dessas regras e dessas informações sobre o BDSM tem sido a *internet*. Os *blogs* e *sites*, de acordo com Zilli (2009, p. 483), são apenas uma parte do material suporte online de informações sobre o tema e que oferece espaço para personagens que se voltam contra “a definição estritamente psiquiátrica/patológica da sua sexualidade através de uma política de afirmação identitária, expressa por um discurso de legitimação de objetivos bem definidos”. Ainda segundo Zilli (2009, p. 483-484) os discursos reproduzidos em blogs, sites, redes sociais que aparecem em diferentes relatos pessoais, contos, imagens e vídeos “encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de grupo identitário, pois

⁴ É um acontecimento social em que as pessoas promovem um encontro para prática de cenas e socializam com outras pessoas de comportamento similar. Algumas plays são abertas, outras, restritas aos membros de um clube BDSM ou a pessoas conhecidas pelos organizadores. Não é indicado levar convidados sem a ciência dos organizadores do evento. Disponível no link: <https://www.wzfetishblog.com.br/2017/05/play-party-em-bdsm-play-party-e-um.html> Acessado em: 16/01/2022.

⁵ As pessoas que ocupam posição de dominar são as dommes, no caso das mulheres, ou doms, para os homens, ou seja, abreviações com marcas de gênero da palavra “dominante”.

⁶ *Dungeon*, calabouço ou masmorra: ambiente preparado, decorado e equipado para as sessões BDSM, segundo a própria autora. *Dungeon* é o nome dado ao local destinado e devidamente equipado para a realização de práticas BDSM.

reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições”.

1.1 Mas de onde veio o BDSM?

Brincadeiras e práticas similares ao BDSM existiram na maioria dos lugares e tempos como a história da humanidade nos mostra. São rituais de flagelação, rituais tribais de povos originários ou até as brincadeiras infantis de beliscar e bater que são comuns nos registros históricos e literários. Definir precisamente quando as práticas BDSM, tanto entre indivíduos quanto como cultura de grupo, iniciaram é uma tarefa um tanto imprecisa. Sabe-se que no século XVIII, o Marquês de Sade, filósofo e escritor francês, já realizava práticas fetichistas, que continham amarrações, sadismo e pederastia.

Lely (1970) apresenta na biografia “Vida do Marquês de Sade” o comportamento do Marquês perante a sociedade da época.

Sade, por diversas vezes foi preso por maus tratos, sodomia, flagelação, e ingestão forçada de artigos afrodisíacos contra empregadas, mendigas e prostitutas. Foi condenado à morte por sodomia, mas fugiu para a França. Cometia práticas fetichistas e orgias com sua primeira esposa. Já separado de sua primeira esposa, Rennè, se envolve com Marie-Quesnet, uma atriz da época que se muda com ele para um hospício. Nessa época ele se envolve com uma adolescente de 14 anos com o consentimento de sua amada. É por suas ações que se originou o termo sádico, em alusão ao seu nome (LELY, 1970, p. 464).

Leite Jr (2000a) nos diz que Sade é considerado uma das mais célebres personalidades que pregaram a linha filosófica do Libertinismo: viver rompendo com os princípios morais defendidos pelas leis da sociedade e da igreja, principalmente aqueles relacionados à moral sexual. Sade adicionou crueldade e devassidão às relações sexuais, pois para ele o mais alto clímax do prazer só é obtido por meio da total flagelação do outro. A desumanização do prazer do outro, a extrema violência, o estupro, a total violação sem consensualidade são traços fortes das suas obras e da sua vida. Apesar de uma das práticas derivar do seu nome, vai totalmente na contramão do que defende o BDSM, a consensualidade entre as partes do que é ou não permitido.

Os primeiros a estudarem e nomearem algumas práticas foram médicos, mais especificamente, psiquiatras e sexólogos. O Sexologista Richard von Krafft-Ebing, no seu livro *Psychopathia Sexualis*, definiu os termos sadismo e masoquismo pela primeira vez, uma

definição propriamente médica que teria uma grande repercussão nos ambientes acadêmicos, antropológicos, científicos e sociais. Até Sigmund Freud recorreu à terminologia proposta no livro como referência para suas próprias elaborações sobre a teoria da sexualidade. Os estudos de Krafft-Ebing foram os primeiros levantamentos das diferentes formas de inquietação da vida sexual humana, vistas, até então, como transtornos médico-psiquiátricos, segundo Pereira (2009). Leite Jr. (2000a) observa, primeiramente, o conceito de sadomasoquismo que encontrou em estudo:

No final do século XIX, o mais renomado psiquiatra da época, estudioso das então recém criadas “perversões” ou “perversidades” sexuais, o austríaco Richard Von Krafft-Ebing, lançou em seu colossal tratado “*Psycopathia Sexualis*” os termos “sadismo” e “masoquismo”. O primeiro designava o prazer em ferir ou humilhar o parceiro no ato sexual, e o segundo, o prazer em ser ferido ou humilhado, também durante o sexo. Derivado do nome do Marquês de Sade, nobre francês do século XVIII, o termo “sadismo” foi criado para designar a “associação entre a luxúria e a crueldade” [nas palavras de Krafft-Ebing]. (...) O mesmo destino triste teve o também escritor e romancista austríaco Leopold Von Sacher-Masoch. Contemporâneo de Krafft-Ebing, sua novela mais famosa “A Vênus das Peles” entrou para a história como um clássico da literatura erótica ao mesmo tempo em que seu nome foi utilizado para designar a “perversão oposta” ao sadismo. (LEITE Jr., 2000a, p. 8-9)

Krafft-Ebing (1886) recorre aos nomes de Sade e de Sacher-Masoch, autores de obras literárias onde ele observou a existência de comportamentos que foram identificados como práticas de categorias sexuais aberrantes, para nomear e definir essas condutas, seja pela excitação condicionada pela dor e/ou humilhação imposta ao parceiro, no caso do sadismo, seja na satisfação obtida pela via preferencial da submissão, do próprio sofrimento físico e moral e da exaltação sem moderação do objeto amado, como ocorre no masoquismo. Sobre o sadismo, Foucault nos diz:

O sadismo não é nome dado enfim a uma prática tão antiga quanto Eros, é um fato cultural maciço que surgiu exatamente ao final do século XVIII e que constitui uma das maiores conversões da imaginação ocidental. [...] E não é por acaso [...] o sadismo, como fenômeno individual que leva o nome de um homem [...] (FOUCAULT, 2010a, p.359).

Deleuze (2009), em sua apresentação de Sacher-Masoch, seguindo a análise literária comparativa entre as obras deste autor e de Sade, demonstra que sadismo e masoquismo não estabelecem unicamente pares de opostos complementares, mas que participam de universos estéticos e eróticos completamente diferentes e independentes.

O ato de aplicar ou sentir dor perpassa por diferentes significados de acordo com a sensação vivida pelo praticante, com isso podemos dizer que pode ser física ou simbólica, no caso dos jogos de humilhação conforme nos explicam Alison, Santilla, Sandnabba e Nordling (2001). Para tanto, devemos considerar que nem todas as práticas dentro do BDSM envolvem marcas, dominação, restrição ou a busca pela dor como fala Pitagora (2013).

Mota e Oliveira (2012) mencionam que os variados pontos de vista sobre o BDSM e o modo como é vivenciado, faz com que, nos últimos anos, alguns autores observem que as definições sobre o BDSM estendem-se não somente por aspectos sexuais mas também passam por um estilo de vida. À medida que são analisados alguns indivíduos e grupos, podemos contextualizar atualmente a atividade BDSM coexistindo com a identidade BDSM. Isto é, alguns praticantes veem o BDSM como um *hobbie*, ou seja, possuem uma vivência “baunilha” mas frequentam eventos temáticos e participam de algumas sessões esporádicas, enquanto que para outros, a vivência de suas atividades sexuais são todas exclusivamente na esfera BDSM.

A importância do resgate histórico sobre o sadomasoquismo está, principalmente, em ajudar a entender a construção das visões negativas e marginalizantes, baseadas principalmente nos estudos patológicos, sobre essa cultura e seus adeptos na nossa sociedade. Foi no discurso da ciência psicológica, tão interessada na explicação entre dor e prazer, que as práticas dentro do BDSM, como a mais conhecida delas, o sadomasoquismo, foram diagnosticadas como patológicas e perversas, como relata Barros (2019). Entretanto, os pervertidos sadomasoquistas desses autores, já não são os BDSMers⁷ da atualidade como aponta Leite Jr. (2000):

A cultura sadomasoquista formou-se graças à resistência de indivíduos que não quiseram ser patologizados - e muito menos criminalizados - forjando assim um “estilo de ser” que se diferencia tanto daqueles de sexualidade “normal”, quanto dos assassinos e doentes das ciências da psique. (LEITE Jr., 2000, p. 97)

Barros (2019) ainda nos traz a informação de que movimentos propagadores e defensores surgiram com a intenção de afastar as ideias patologizantes. Movimentos da chamada *Leather Culture* (Cultura do Couro) passaram a incluir no SM, as letras B e D, referentes ao Bondage e à Disciplina e Dominação, no par D/s da sigla. E assim, com o

⁷ BDSMers são pessoas adeptas da subcultura BDSM, por vezes nomeadas como "praticantes".

crescimento e novos entendimentos dentro dos movimentos gays e lésbicos norte-americanos, outros sentidos foram sendo construídos sobre a atividade.

O universo BDSM se construiu como um universo separado da vida cotidiana, contrapondo-se ao tradicionalismo das relações, as quais são comumente chamadas de “baunilha” pelos adeptos das práticas. A relação sexual e amorosa “baunilha” é convencional, comum, vista como sem graça, na qual sentimentos negativos como o ciúme e a insegurança têm espaço para criar mal estar no relacionamento. Diferente da experiência BDSM que é percebida como excitante, extremamente prazerosa, profundamente íntima e libertadora. Tem-se, portanto, dois tipos de relações que se organizam em contraposição, como explica Mota e Oliveira (2012), que nos diz que o termo “baunilha” no contexto BDSM tem pouca eficácia, é sem importância ou interesse. Esse termo não é, no entanto, um termo usualmente “depreciativo”, mas o fato de ser usado com uma conotação negativa é indicador de uma marca do universo BDSM: rebater a banalidade, a neutralidade, atribuindo um significado negativo a um termo que normalmente é neutro. A negatividade associada ao termo “baunilha” indica, no universo BDSM, a existência de uma supervalorização das sensações, isto é, tem como pressuposto que as sensações devem sempre ser ampliadas, e não neutralizadas ou minimizadas.

1.2 Moda, poder e BDSM

A origem da palavra moda deriva do termo em latim *modus*, como Garcia e Miranda (2005) explicam, que significa maneira, medida e modo, contudo foi a partir do século XIV que a expressão moda passou a ser fortemente aplicada no tema do vestuário. Para Svendsen (2010), definir o termo moda com exatidão é uma tarefa um tanto quanto difícil, mais especificamente no que se refere à vestimenta de maneira geral, e que é um princípio que se aplica à área do vestuário. Em uma definição mais atual, Lipovetsky (2009) reflete a moda como uma maneira singular e abrangente de mudança social, que independe de objetos, pois, antes de mais nada, a moda é um dispositivo social caracterizado por mudanças baseadas no ímpeto e que influenciam diversas camadas da vida coletiva. Svendsen (2010) acrescenta que a moda pode ser especificada em duas categorias principais, como vestuário ou como

mecanismo, e salienta que raramente se pode pensar algum acontecimento social que não sofreu influências pelas mudanças da moda, sejam eles a forma do corpo, o design de objetos, a política, a música ou a arte.

Quando o termo moda entra em qualquer assunto, imediatamente pensa-se em roupas, e isso faz total sentido, uma vez que o vestuário é o símbolo maior do fenômeno moda. Entre os bens consumidos pelas pessoas, acessórios e roupas figuram lugar de destaque na vida desses consumidores. Como discorre Berlim (2012), os sentidos primários do ato de vestir, sempre estiveram relacionados ao pudor, a proteção e a ornamentação. Desta forma, a roupa ocupa um espaço de diferenciação entre os bens consumidos e fabricados, pois se configura também como uma importante plataforma para os indivíduos comunicarem sua individualidade e identidade.

Para Oliveira (2004) o uso da roupa tornou-se quase que por definição, a linguagem do corpo. E por isso, consiste numa conversa constante com o mundo que nos cerca. O primeiro entendimento sobre nu e o pecado é na história bíblica de Adão e Eva. A repulsa ao corpo nu pode estar ligada à negação da morte: está subentendido, no corpo nu, a nudez da carne, da matéria, o invólucro do indivíduo que envelhece e morre. É preciso vestir o corpo para que sua alma e individualidade sejam preservados. A partir do momento em que o sexo aparece, ele é relacionado ao pecado.

Sendo assim, podemos conceituar moda como: “ethos das sociedades modernas e individualistas, que, constituído em significante, articula as relações entre os sujeitos sociais a partir da aparência e instaura o novo como categoria de hierarquização dos significados” (SANT’ANNA, 2007, p.88).

Richardson e Kroeber (1940) trataram a moda como um amplo e rico repertório cultural e não como simples futilidade. Eles relataram a simbiose da moda com o conjunto cultural e um dos pontos que a moda representa é a da linguagem. No qual, podemos dizer, que a moda comunica a maneira de pensar e viver do seu usuário. Além de comunicar também seu poder de compra, classe social, preferência política, religiosidade, estilo de vida, emoção e dentre outras coisas, ela é capaz também de permitir expressar sua sexualidade. As mudanças do sistema da moda e os processos que guiam as escolhas de vestuário devem ser reconstruídas ao longo do seu ciclo de vida para que possamos compreender os pensamentos, comportamentos e transformações na sociedade. Conforme Crane (2009), decidir por uma vestimenta transmite o modo como o indivíduo enxerga a si mesmo dentro dos valores sociais

que dominam os grupos nos quais ele está inserido. Esta maneira de enxergar a moda, como instrumento de entendimento entre os sujeitos, é confirmada por Oliveira (2004), ao afirmar que é através da moda que os sujeitos se apresentam, mostrando seus modos de ser e de estar no mundo.

Assim, podemos entender como o fenômeno BDSM também foi influenciado pelo sistema de moda e procurar encontrar o ponto em que se deu a introdução do traje para dominar e trazer à tona o poder através da vestimenta. Com levantamento histórico feito por Scofield (2019), sabemos que no final da década de 1910, mais precisamente em 1918, surgiu uma revista com temática fetichista voltada para o público BDSM, chamada *London Life*, na qual os adeptos e curiosos tinham as informações sobre os encontros e festas privadas. Assim, os entusiastas conseguiam encontrar com mais facilidade pessoas com os mesmos interesses e locais para as práticas. Depois, mais um marco social para o BDSM na mídia, a criação de outra revista voltada para esse público, a *Bizarre*, na qual seu conteúdo foi voltado para arte do Bondage, Dominação e Fetichismo. Mas foi somente após a Segunda Guerra Mundial que as práticas fetichistas ficaram conhecidas mundialmente. Principalmente com revistas, movimentos e até artistas *pin-up's*⁸, como Bettie Page, muito popular por seus filmes de *strip-tease*⁹ e imagens fetichistas muito ligadas ao sadomasoquismo, em que podemos ver Bettie amarrada, recebendo palmadas eróticas ou atuando do outro lado, no papel de dominadora, de acordo com Leite Jr. (2000).

Ainda segundo Scofield (2019), um movimento protagonizado por ex-soldados homoafetivos¹⁰, o *Leather Pride* (Orgulho do couro), foi um dos grandes marcos da cultura BDSM. Eles possuíam o couro como bandeira e o sadomasoquismo como vivência social. Com isso, sabemos que os grandes divulgadores conhecidos pela grande mídia foram, primeiramente, homens homoafetivos e que queriam ser reconhecidos visualmente por outros simpatizantes do sadomasoquismo na sociedade. Brame, Brame e Jacobs (1996, p. 20, tradução nossa) analisaram essa premissa onde eles refletem que “para os homens gays de tendências sadomasoquistas, o militarismo oferecia uma emoção adicional: poder e disciplina dentro de uma estrutura autoritária”.

⁸ Modelos, em sua maioria mulheres, vistas em pôsteres, revistas e filmes exibindo suas formas voluptuosas de forma sensual nas décadas de 40,50 e 60.

⁹ Espectáculo em que uma pessoa se despe lenta e sugestivamente, geralmente com acompanhamento musical.

¹⁰ Adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta e sente atração por pessoas do mesmo sexo.

De acordo com Leite Jr. (2000), nos anos que se seguiram, a efervescência da contracultura dos anos 60 e a ideologia de liberdade sexual dos anos 70, contribuíram para a saída da cultura BDSM dos esconderijos e o movimento punk fortaleceu a estética e a radicalidade que o BDSM precisava para ganhar mais força na sociedade tradicional. A intenção era mostrar uma atitude e estilo de vida com hábitos, ideais, valores, corpos e roupas que enfrentavam com os aspectos corriqueiros da sociedade capitalista.

Nos anos 90, a cultura BDSM encontrava-se em uma crescente escalada com o aumento de casas e clubes sadomasoquistas, ganhando assim mais visibilidade e espaços sociais. A chegada da internet fez com que o BDSM se popularizasse com maior rapidez.

O surgimento de plataformas de interações sociais e grupos de discussões sobre o tema fomentaram o aumento de interessados em desvendar o BDSM e experimentá-lo, mesmo que virtualmente. A internet ajudou a unir com mais facilidade e privacidade aqueles que querem experimentar alguma prática do BDSM.

Com a liberdade sexual da década de 60, as mulheres conseguiram ter um pouco mais de autonomia em suas decisões. A mulher contemporânea começou a ver as possibilidades de escolhas e percebeu que as roupas poderiam contribuir para a construção dessa nova etapa onde ela sentia-se mais bonita e poderosa. Piscitelli, Gregori e Carrara (2004) consideram que essas conquistas da mulher perante a sociedade representaram um marco na recusa da mulher a relacionar seu sexo e sua sexualidade sempre no papel de subordinada.

Assim sendo, devemos entender como a roupa estimulou a tomada de poder da mulher nas relações, especificamente trataremos aqui do poder dela nas relações onde a dominação é o foco. Foucault (2006) defende que não devemos nos perguntar o que é o poder ou de que lugar ele vem, mas sim como ele é exercido de fato:

O poder não pertence nem a alguém nem, aliás, a um grupo; só há poder porque há dispersão, intermediações, redes, apoios recíprocos, diferenças de potencial, defasagens, etc. É nesse sistema de diferenças, que será preciso analisar, que o poder pode se pôr em funcionamento. (FOUCAULT, 2006, p. 7)

Birnbaum (1975) considera que a habilidade de persuadir pessoas para realizarem o que alguém deseja é o que podemos chamar de poder, sendo que quem aceita essas diretrizes encontra-se atraído a obedecer por enxergar vantagens nessa relação:

O poder é a participação ao processo decisório: uma pessoa X exerce poder sobre uma pessoa Y em relação a valores K na medida em que X participa ao processo decisório que afeta as políticas K que Y quer colocar em serviço (...) o processo político é a elaboração, a distribuição e o exercício do poder (implicando, em um sentido mais amplo, os valores de deferência ou de maneira mais geral, de influência). (BIRNBAUM, 1975, P 54)

No entanto, Junior e Medeiros (2007, p. 166) aponta que existe uma encruzilhada na posição masculina devido às novas representações sociais dos papéis de gênero na atualidade. O autor afirma que "os homens começaram a recuar seus comandos patriarcais, questionar suas próprias atitudes e duvidar de suas decisões. Em consequência disso, a diferença entre homens e mulheres cada vez mais tem se tornado mínima".

A roupa na cultura BDSM é usada como um "artefato de poder", algo que confere habilidades especiais aos que a usam. De acordo com Fernandes (2006) que cita Lurie (1997):

As roupas sobrenaturais dos contos populares europeus – as botas de sete léguas, o manto da invisibilidade ou os anéis mágicos – não foram esquecidas, apenas transformadas, de modo que hoje temos o track star que só consegue vencer uma corrida com um determinado chapéu ou calçado, o policial à paisana que acha que ninguém o vê quando usa a capa de chuva, ou a mulher casada que tira a aliança antes de ir ao motel com o amante (LURIE, apud FERNANDES, 2006, p. 97).

Lipovetsky (2009) confirma o poder que está embutido no fenômeno moda e fetiche, quando ela passa de enfeite ou acessório à sua base fundamental. Ele afirma que "[...] a moda está no comando de nossa sociedade; a sedução e o efêmero tornaram-se os princípios organizadores da vida coletiva moderna" (LIPOVETSKY, 2009, p.13). Simmel (2014, p. 34-35) reforça esse pensamento quando discorre que "[...] de facto, é quase um sinal do poder intenso da moda que ela, em vez dos seus domínios originários, das exterioridades do vestir-se, arraste cada vez mais para a sua forma mutável também o gosto, as convicções teóricas e até os fundamentos morais da vida". Com esses fatores podemos afirmar que o dispositivo da moda, central ou não nas sociedades contemporâneas, mostra-se produtivo e eficiente ao espalhar seu poder por diversas áreas, algumas até então impensáveis de serem influenciadas.

Para Steele (1997, p. 200), a "crescente popularidade de modismos fetichistas dentro da cultura em geral está diretamente relacionada ao carisma do desvio. Mal, rebelião, perigo exercem forte apelo emocional". Deste modo, vermelho, preto, couro, borracha, botas, saltos altíssimos, látex, botas altas, catsuits, roupas íntimas como roupa de sair e espartilhos, por

exemplo, suscitam questões de gênero que ora afirmam a submissão e a tortura, ora destacam a potência e a dominação. E se as identidades são formadas por construções culturais, a moda, sem dúvida, faz a sua parte.

1.3 BDSM no Brasil

O BDSM surge no Brasil aproximadamente no início da década de 1980, com produção literária erótica e pela comunicação entre praticantes em revistas e classificados eróticos. Facchini (2011) estudou os processos de mudanças sociais e convenções de gênero e sexualidades dentro do cenário brasileiro, onde nos anos entre 1970 e 1980, aconteciam atividades feministas e de grupos gays e lésbicos, com ativistas comprometidos na luta contra a ditadura militar, buscando liberação sexual e direitos civis de gênero. Com isso, podemos dizer que, no Brasil, o BDSM ganhou força e notoriedade por fenômenos de lutas sociais de minorias. Quando a autora aprofunda-se sobre essas conexões em movimentos sociais, em um Brasil enfrentando uma ditadura militar, ela percebe as conexões com produções artísticas-culturais, com literatura e mercado erótico comercial. A autora cita a produção literária de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, no final dos anos de 1970 e meados dos anos de 1980, no qual o livro de Glauco, “Manual do podólatra amador”, publicado em 1986, é uma narrativa autobiográfica focada no fetichismo por pés e considerada uma obra única e pioneira sobre fetichismo no Brasil.

Wilma Azevedo inicialmente publicou suas histórias em revistas eróticas, que depois foram compiladas em livros. Wilma é considerada pioneira do chamado sadomasoquismo erótico em terras brasileiras e cunhou o termo Sadomasoquismo-erótico para desvincular as práticas sexuais de patologias como era amplamente associado pela área médica. Wilma ganhou destaque porque tentava explicar para o grande público as práticas do SM, visto que ela viajou algumas vezes para os clubes de fetiche nos Estados Unidos e trouxe consigo suas principais impressões. Além de suas experiências próprias, seus escritos também foram baseados em histórias dos praticantes dos quais Wilma mantinha contato, dando assim oportunidade para as fantasias dos seus correspondentes tornarem-se reconhecidas.

Desde o início, as noções de consensualidade foram colocadas aos praticantes e curiosos, inserindo-as, assim, no contexto de relacionamentos possíveis. Aqui no Brasil, o Sadomasoquismo-erótico foi desenvolvido por um viés monogâmico e heteronormativo, pois era buscado apenas por casais que precisavam apimentar suas relações ou homens heterossexuais que compravam as revistas. Wilma Azevedo escrevia matérias para a revista *Ele & Ela* e *Club e Club dos homens*:

Depois de escrever alguns artigos para a revista *Ele & Ela*, a *Club dos Homens* me contratou, e em cada “conto” mensal eu revelava as delícias e as formas corretas de se fazer amor nos padrões de uma fantasia pouco explorada pelas mulheres. Ao assumir o papel de dominadora, comecei a receber muitas cartas e cada vez mais fui me convencendo o quanto estava sendo útil. (...) Com o passar do tempo, as correspondências foram se avolumando e senti a necessidade de formar uma equipe de trabalho. Na época em que *Cosam* me deixou, formei um grupo de interessados e adeptos do S.M., porém, isso durou apenas um ano. Mas depois, com tanto trabalho, dispendioso para uma só pessoa, resolvi descentralizar toda essa correspondência e serviço de utilidade pública entre as pessoas com capacidade de aconselhar e dar informações diversas a respeito do assunto. Entre os amigos mais chegados, recebi apoio de uma meia dúzia que me ajudaria na confecção de uma espécie de Clube onde todos se ajudariam mutuamente. (AZEVEDO, 1986, pág. 171).

Como aqueles que se articulavam e tinham acesso a uma pedagogia erótica a partir dos escritos e trocas de cartas com Wilma e seus amigos, em sua busca por parceiros, Glauco se coloca como um usuário de correio sentimental e indica a crise econômica e a aids como fatores que colaboram para o fim desse tipo de comunicação:

A partir de 79, proliferaram as revistinhas eróticas dirigidas ao público gay, contendo quase que só fotos de nus masculinos e seções de anúncios classificados. (...) Constatei que a correspondência era um meio farto e seletivo de estabelecer contatos, sem necessidade de frequentar os pontos de badalação. Uma singela cartinha evitava o desgaste e a frustração de muitas paqueras e cantadas infrutíferas; poupava da chatice de aturar zoeira e aglomeração nos ambientes fechados; além disso, diminuía o risco de ser assaltado ou pegar uma doencinha venérea. (...) A coisa foi amadurecendo por dois anos, desde que parei de colocar anúncios. E parei não porque desistisse do método postal, mas porque as revistas que anunciavam começaram a escassear, com a retração do mercado em face da crise econômica e da disseminação da AIDS. (MATTOSO, 2006, p. 158)

Seguindo o relato de Glauco Mattoso, passado o período inicial de medo em torno da aids como “peste gay”, em meados dos anos 1990, momento em que já havia perdido totalmente a visão, é pela internet que suas comunicações continuam:

Embora continuasse recluso e incapacitado pruma vida autônoma fora das paredes do apartamento, voltei a me conectar com o mundo, dar a cara em palestras e entrevistas, reativar um círculo de amizades e, claro, marcar presença na Internet. Foi graças à rede, aliás, que realimentei a podolatria quase engavetada e o tesão que tremulava a meio pau. O anonimato garantido pelos “emeios”, mais seguro que uma caixa postal ou o sexo pelo telefone, animou alguns curiosos a me provocar, depois de terem visitado meu “sítio”, fosse acidentalmente ou por busca. (MATTOSO, 2006, p.230)

O termo BDSM demorou um pouco mais para chegar no Brasil, pois esse termo só foi concebido em uma lista de perguntas frequentes, o [alt.sex.bondageFAQ](#)¹¹, respondidas por Rob Jellinghaus, e postadas no fórum [soc.subculture.bondage-bdsm](#)¹² entre 1995 e 1997, levando mais alguns anos para que o mundo todo abraçasse a ideia de que BDSM representava tudo aquilo que viviam.

Leite Jr. (2000) relata que grupos presenciais reuniam-se em São Paulo e remete às atividades de um desses grupos, o SoMos, criado em 1992, cujo objetivo era propiciar espaço de sociabilidade, troca de experiências, aprimoramento de práticas e conhecimentos, possibilitando a prática do SM, de modo a minimizar riscos tidos como inerentes a esse tipo de prática. Esse grupo se reuniu em espaços públicos, como barzinhos e restaurantes em bairros de classe média paulistanos até o final dos anos 1990, quando surge o primeiro espaço específico, o bar Valhala: misto de barzinho com um salão em separado – um *dungeon* – equipado para a prática de SM, que funcionou ligado ao grupo SoMos até 2002.

No início dos anos 2000, muitos blogs e sites existiram para falar somente do BDSM, com divulgação de locais de encontro, manuais, indicações do que é ou não seguro fazer, discussão da filosofia que acompanha as práticas e relatos eróticos e fotos. Contudo, a interação física não foi descartada. Grupos marcavam encontros presenciais após primeiros contatos pela internet, o site Desejo Secreto, estudado por Bruno Zilli (2007) é um exemplo, visto que começou as atividades a partir de pessoas que se conheceram nos canais do *MIRC*, dando origem a uma lista de discussão de internet, uma comunidade no Orkut e até a publicação de livros, como é o caso do “Sem Mistério: uma abordagem na prática de bondage, dominação, sadismo e masoquismo”, lançado em 2002 pela Cia. do Desejo.

Segundo Zilli (2007), na segunda metade dos anos 2000, popularizam-se o uso do *MIRC*, de salas de bate-papo de fetiche no portal Terra e de sadomasoquismo no portal UOL, o que se intensifica com o desenvolvimento de programas de trocas de mensagem

¹¹ <http://www.unrealities.com/adult/ssbb/faq.htm> Acessado em 02/02/2022.

¹² <http://www.faqs.org/faqs/soc-subculture/bondage-faq/part1/> Acessado em 02/02/2022.

instantâneas, que permitiam salvar uma lista de contatos no programa, e listas de discussão por email. Ao final da década de 2000, surgem comunidades em redes sociais, como o Orkut.

Entre 2004 e 2010, funcionou o Clube Dominna, onde foram realizadas as pesquisas de campo de Regina Facchini, no ano 2008 e 2012, e de Maria Filomena Gregori, no ano de 2010. No final dos anos 2000 surgem outros espaços em São Paulo, como o Libens, que funcionou entre 2008 e 2009 e teve atividades acompanhadas por Gregori (2010); Nos anos 2010, praticantes brasileiros começaram a frequentar redes sociais específicas para público fetichista, como é o caso do *Fetlife*. O projeto Luxúria que organiza festas fetichistas que acontecem com periodicidade quinzenal e depois mensal desde 2012 e continuam até hoje, parando apenas na época do período pandêmico do Covid. Além disso, há grupos que se reúnem em bares ou espaços privados para socialização e práticas. Facchini (2008) afirma que o BDSM com que teve contato em São Paulo, notadamente toma por base a experiência de grupos BDSM norte-americanos e europeus, e é fortemente ligado ao confronto político em relação à patologização e ao estigma social social ligado ao BDSM de prática vergonhosa e imoral. As práticas, os instrumentos e o vocabulário próprio dos praticantes brasileiros também são bastante influenciados pela literatura erótica e pelos manuais que existem em sites da internet. Mais recentemente, alguns aplicativos voltados para interessados e praticantes do BDSM foram criados. Iniciar na cultura e trocar fetiches está apenas a um clique do celular. Outra forma importante de comunicação de adeptos pela internet são os blogs.

Facchini e Machado (2013, p. 213-220) citam que as práticas BDSM são “práticas eróticas estigmatizadas e vividas em segredo” que passam por um movimento de “legitimidade ainda em construção” com base na necessidade de “gerir coletivamente os riscos num contexto marcado pela condição de segredo por meio do qual o BDSM se insere na vida de seus praticantes”.

Zilli (2009) fala sobre como a possibilidade dos praticantes manterem contato e divulgarem suas práticas na internet ajuda a descriminalizar e legitimar suas práticas e seu discurso. Portanto, a ampliação de espaços para divulgação e debate sobre as práticas têm servido como forma de socialização entre seus praticantes que ainda existem num contexto de religião patriarcal, punindo seus desejos. Pela facilidade de comunicação e promessa de anonimato, os fetichistas brasileiros veem a internet como meio ideal para formação e inserção de grupos identitários em comunidades virtuais. Além disso, os debates ajudam na

noção de pertencimento e aceitação desse indivíduo inserido dentro de uma sociedade que não legitima o BDSM.

2. HISTÓRIA DO COURO: DA PROTEÇÃO À SEDUÇÃO

O couro é uma matéria-prima bastante utilizada na indumentária desde o período pré-histórico. A função primordial da vestimenta, ao ser criada pelo ser humano, era proteger o corpo do ambiente. As primeiras peças foram feitas de peles de animais, mas quando essa pele secava, acabava ficando sem maleabilidade e restringindo os movimentos corporais. E assim, foram descobrindo e aperfeiçoando processos para permitir a maleabilidade da peça e outros processos, como a costura e modelagem para permitir movimentos mais amplos e adequação corporal. Com o tempo, algumas fibras acabaram sendo descobertas e desenvolvidas técnicas de tecimento, costura, tingimento, bordado e modelagem e, com isso, o vestuário ganhou outras formas e outras funções como pudor, indicação de prestígio, beleza, status e disciplina ampliando as funções do vestuário para além da proteção.

Somente com a chegada do século XX podemos observar como o couro se torna objeto de desejo, conferindo poder a quem o usa. O conceito não é mais de proteção, mas sim de um material que transmite poder e luxúria.

2.1 Couro descoberto para proteção

Apesar de haver poucas informações sobre o início do uso do couro e seus processos de curtimento, segundo Filho (1999), os povos da idade da Pedra Lascada (500.000 a.C. - 8.000 a.C.) ao abaterem os animais para consumo, faziam o uso das peles dos animais para cobrirem seus corpos (Figura 1). Então, acabaram percebendo que as peles apodreciam, caíam os pêlos com o passar do uso e endureciam, tornando-se incômodas e dificultando a mobilidade. Com essa problemática, buscaram soluções para amaciar e dar mais longevidade às peles dos animais. Começaram a bater com as peles em pedras e até mascaram, pois

descobriram que a saliva proporcionava maciez à pele. E assim, os primeiros processos de curtimento e transformação da pele em couro deram início.

Figura 1: Ilustração feita por Mauricio Antón do uso de peles por hominídeos.



Fonte: National Museum and Research Centre de Altamira, Espanha¹³

O couro mais antigo encontrado data da idade da Pedra Polida (8.000 a.C - 4.000 a.C) e as características desse couro eram de uma tecnologia simples, na qual eles depilavam os pelos e continha um curtimento vegetal para promover maciez e durabilidade. O conhecimento sobre os processos de curtimento do couro levaram esses povos a dominarem seus adversários e aumentarem seus territórios, pois com isso puderam ir mais longe com suas peças em couro para protegê-los do clima frio da época.

Os povos que viveram entre 4.000 a.C. a 476 a.C., denominada Idade Antiga, continuaram a aprimorar o curtimento do couro. Oliveira (2013) aponta que cerca de 4.000 a.C, entre os rios Tigre e Eufrates, os povos que habitavam essa região ainda usavam saiotos feitos de pele apesar de já conhecerem a tecelagem. Na ilha de Creta, localizada na Grécia, em

¹³ <https://artsandculture.google.com/asset/neanderthal-illustration-mauricio-ant%C3%B3n/IQFI-f71stjyA>
Acessado em: 01/02/2022

1650 a.C., a conservação das peles com pêlos sem o processo de apodrecimento já era bastante evoluído, o couro já possuía alta resistência e flexibilidade.

Santarelli (2000) aponta que em Creta, a vestimenta masculina consistia essencialmente em uma tanga, de lã, linho ou couro. Mesmo com o início da tecelagem e outros tipos de matéria-prima, o couro não desapareceu da construção de indumentárias. Em Roma, usavam sandálias feitas de uma peça de couro sem tingimento e presa por tiras, de design muito simples, mas que somente eram usadas pelos cidadãos romanos para reafirmar sua posição e status. Outras civilizações também fizeram uso do couro como vestuário, juntamente com o linho, cânhamo e o algodão. Destaca-se, na idade média dos séculos V a XV d.C., os povos bárbaros. Cavaleiros trajavam túnicas sem mangas, decoradas com um brasão de armas. Nômades bárbaros da época trajavam vestimentas simples de pele, lã e às vezes de couro. Peças caras de couro eram utilizadas por cavaleiros e nobres.

Com a chegada da Idade Moderna (1453 - 1789), surgiram pesquisas buscando novas técnicas e novos tipos de matéria-prima. Buscaram peles de animais exóticos e não domesticados, até então somente trabalhavam com pele de animais domesticados. Com a expansão portuguesa e espanhola, essas técnicas e novas peles espalharam-se pelo novo mundo da época. Chegaram assim até a idade contemporânea (1789 - 2000) com técnicas para todo tipo de couro e alta tecnologia aplicada a esse material, fazendo assim com que a indústria curtidora tenha alcançado estabilidade nos países em desenvolvimento. Os insumos utilizados nos processos de curtição do couro e a extinção de animais para uso das peles são motivos de preocupação de grupos ecológicos que cobram firmemente mudanças no modo como esse material é consumido pela indústria da moda. E mesmo as fábricas que ainda trabalham com o couro animal procuram o trabalho de curtimento com taninos naturais (curtimento vegetal), pois, atualmente, há uma nova consciência da importância e necessidade de proteger o meio ambiente.

Udale (2015) define o couro como peles de animais de grande porte curtidos e preparados para produção de artefatos e indumentárias de uso humano, como: sapatos, bolsas, roupas, acessórios, entre outros. Na indumentária, além do couro bovino, que é o mais comum na confecção dessas peças, também é utilizado o couro de jacaré, avestruz, peixes, cobras, bodes e outros animais. A variedade de tipos de couro condiz com a procura de novos materiais e a criatividade do designer em criar peças que se destaquem no mercado.

2.2 Evolução do uso do couro na contemporaneidade

Segundo Laver (1989), as civilizações antigas que desenvolveram-se nos vales férteis dos Rios Eufrates, Nilo e Indo, expandiram-se por regiões tropicais onde a proteção contra o frio não foi um dos únicos motivos para o uso de roupas para essas populações. Alguns desses motivos foram descritos, baseando-se nas escrituras cristãs, principalmente nos relatos do livro bíblico de Gênesis, que relata que o uso de roupas deu-se por conta do pudor, exibição e até proteção mágica. Com a invenção das agulhas de mão, muitas delas feitas rusticamente de ossos de animais, foi possível costurar pedaços de pele e moldá-las ao corpo, antes da invenção da agulha as peças eram grosseiramente amarradas.

De acordo com Santarelli (2000), a moda sempre esteve ligada à demonstração de distinção, poder e individualismo. Mesmo antes do início do fenômeno moda na era contemporânea, a história do vestuário sempre esteve ligada ao status, poder e diferenciação. E isso não foi diferente na história do couro na indumentária, pois até mesmo nas sociedades primitivas, onde os caçadores que obtinham mais sucesso em suas caças, diferenciavam-se exibindo as peles dos animais mais ferozes que conseguiam abater. Assim, sua força e habilidades eram demonstradas através da sua indumentária, e conseqüentemente, recebiam mais atenção e destaque diante dos demais, conseguindo então poder comercial para conseguirem trocar suas peles valiosas por qualquer outro tipo de mercadoria.

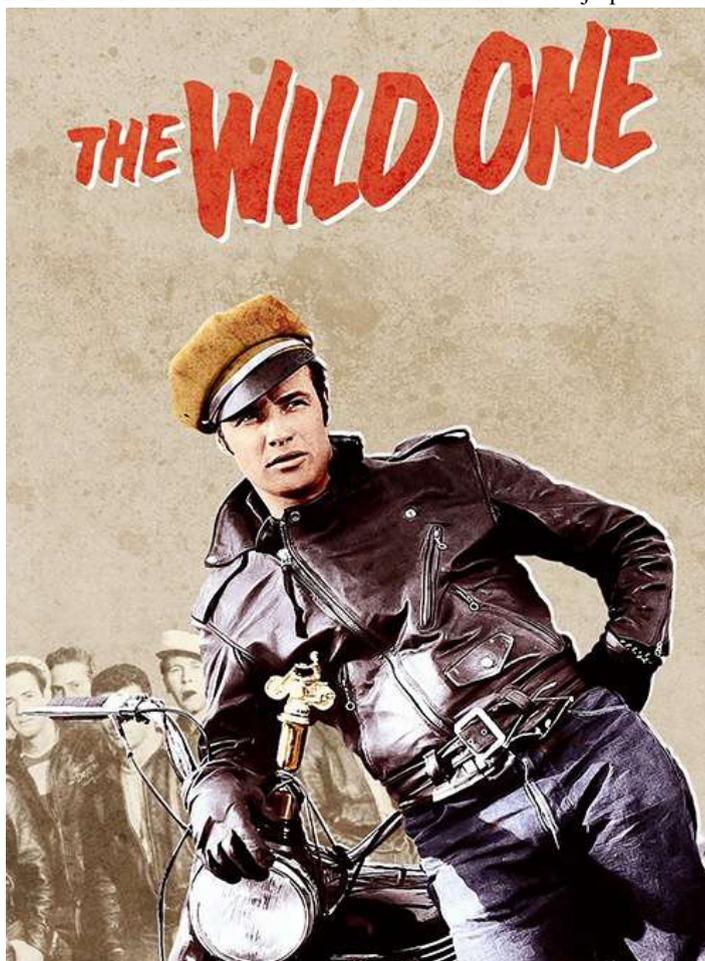
Santarelli (2000) ainda discorre que a moda, como conhecemos, com suas transformações, urgências e diferenciações, só tem início no final do séc. XIV, com as peças sendo nitidamente diferenciadas para homens e mulheres. A corte e a alta burguesia preocupadas em acompanhar as modas ditadas pelos governantes, impulsionaram o consumo de roupas para imitar o traje de seus Reis e Rainhas.

Entretanto, segundo Moutinho e Valença (2000), é somente no século XX que a moda se difunde por mais camadas da sociedade e passa por um processo de democratização com a difusão pelos meios de comunicação, como revistas, cinema e televisão.

O cinema foi o grande propagador da linguagem da moda onde ela é usada para passar uma ideia, construir uma persona ou influenciar. De acordo com Silva, Kleber (2016), quando o ator Marlon Brando estrelou o filme *Selvagem ("Wild one")* em 1953, sua imagem usando uma jaqueta de couro montado numa motocicleta, na capa de divulgação do filme, remeteu a

rebeldia (Figura 2). A imagem que o filme propagou de jovens rebeldes reunidos em gangues, ajudou a difundir um estilo de rua e rebeldia que foi seguido por milhares de jovens na América, Londres e outros lugares onde o filme foi exibido, principalmente na Europa, todos foram fortemente influenciados pela estética rebelde construída com a jaqueta de couro preta.

Figura 2: Pôster do filme com o ator Marlon Brando e sua jaqueta de couro.



Fonte: <https://thejacketdecider.com/marlon-brando-the-wild-one-leather-jacket.html>¹⁴

A peça, chamada de *Perfecto*, foi criada em 1928 pela marca *Schott Bros* com a intenção de proteger o corpo em eventuais acidentes de moto e foi inicialmente distribuída para motociclistas por intermédio da fabricante de motos *Harley Davidson*.

Steele (1997) nos fala que as primeiras referências de couro na moda fetichista foram as chamadas "botas bizarras" (Figura 3), que até então eram associadas a prostituição, eram confeccionadas em couro e normalmente possuem comprimento até os joelhos ou até as coxas.

¹⁴ <https://thejacketdecider.com/marlon-brando-the-wild-one-leather-jacket.html> Acessado em: 01/02/2022.

Figura 3: Atriz dos anos 50, Emma Peel, em um popular programa de televisão americano usando as “botas bizarras”.



Fonte: Site Fanpop¹⁵

Então, por volta dos anos 60, a imagem fetichista começou a aparecer em objetos e imagens associados ao fetiche. Antes disso, imagens fetichistas apareciam somente em revistas sobre sexo como a *High Heels*¹⁶, e era muito difícil de ser encontrada. Os movimentos de liberação sexual dos anos 60 e 70 levaram a uma reavaliação dos desvios sexuais.

Movimentos musicais, segundo Steele (1997), também tiveram muita influência no uso do couro em suas roupas, como o punk e o rock. As mulheres que participavam do movimento punk introduziram saltos agulhas, botas, meias arrastão, meias rasgadas, que por muitos exibiam uma conotação sexual transgressora na sua imagem (Figura 4).

¹⁵ <https://www.fanpop.com/clubs/diana-rigg/images/19937082/title/queen-sin-photo> Acessado em 01/02/2022.

¹⁶ Tradução em inglês: Saltos Altos. High Heels é uma revista fetichista dos anos 50.

Figura 4: Jovens Punk inglesas



Fonte: <https://www.liveabout.com/gutter-or-crust-punk-movement-2803467>¹⁷

Os anos 70 foram os precursores de experimentações no mundo da moda, indo até a estética de erotismo perverso. Vários editoriais com este tema tomaram várias capas de revista da época, onde o couro era o protagonista na construção dessa rebeldia fetichista, desse erotismo perverso. O fotógrafo Helmut Newton publicou diversas vezes na revista Vogue americana fotos com relação ao tema do fetiche, ajudando a transformar assim o sexual em chique. A autora ainda comenta que a relação do couro com sadomasoquismo existe desde os anos 20.

Vivienne Westwood, estilista, é considerada uma das pioneiras da moda fetichista. Nos anos 70, Vivienne, criou roupas em látex, borracha e principalmente em couro (Figura 5). Conquistou, assim, não somente os fetichistas, mas também os jovens da época que procuravam chocar a sociedade com suas escolhas na forma de vestir. Malcolm McLaren, antigo parceiro e co-criador de Westwood, argumenta que borracha e couro simbolizavam uma atitude radical e que a moda fetichista é a incorporação da jovialidade.

¹⁷ <https://www.liveabout.com/gutter-or-crust-punk-movement-2803467> Acessado em 01/02/2022

Figura 5: Vivienne Westwood (à dir.) posa com alguns modelos usando suas criações no interior da sua *boutique* de nome *Sex*.



Fonte: Revista Marie Claire online¹⁸

Os anos 80 ficaram marcados pela forte influência das celebridades do pop, o cinema e a música novamente massificando a moda. Madonna (Figura 6) e Michael Jackson (Figura 7) são inspirações, e isso vai além da música, ditaram moda e comportamento para os jovens da época. Calças e jaquetas de couro não faltaram nos estoques das lojas, os jovens queriam vestir-se como seus ídolos.

18

<https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2019/04/como-e-por-que-o-fetichismo-esta-fazendo-um-retorno-na-moda.html> Acessado em 01/02/2022.

Figura 6 : Madonna no filme de 1987 "*Who's that girl*".



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt6672936/mediaviewer/rm1634087168/>¹⁹

Figura 7: Michael Jackson, em performance, fotografado por David McGough em 1988.



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/michael-jackson/0gF4h5m9I1MtRQ>²⁰

¹⁹ <https://www.imdb.com/title/tt6672936/mediaviewer/rm1634087168/> Acessado em 01/02/2022.

²⁰ <https://artsandculture.google.com/asset/michael-jackson/0gF4h5m9I1MtRQ> Acessado em 01/02/2022.

A década de 90 chegou contrapondo a moda usada nos anos anteriores, cheia de exageros. Com isso os jovens optaram por roupas mais tradicionais que pudessem resistir às tendências de moda que estavam por vir. Mas, de acordo com Pearson (1994) a jaqueta de couro resistiu a todo este movimento, sendo usada até hoje para produzir combinações que remetem a liberdade, rebeldia ou ousadia. Novamente os artigos de couro estavam ultrapassando a barreira dos movimentos mais subversivos da moda. Com o tempo, o couro acabou sendo a principal matéria-prima no mercado de luxo de bolsas, roupas, sapatos e diversos outros acessórios de moda.

Valerie Steele (1997) relata que o uso de temas fetichistas tem sido cada vez mais incorporado à moda. Coleções de grandes estilistas, que foram nitidamente inspiradas na estética sadomasoquista, ajudaram na dissociação do BDSM a perversões sexuais. Nos dias de hoje, as práticas secretas têm se tornado cada vez mais visíveis em toda a parte na cultura popular. No Brasil, Luíza Sonza (Figura 8), Pablio Vittar (Figura 9) e Gloria Groove (Figura 10) são exemplos de artistas que utilizam peças em couro na construção de suas personas fortes, sensuais e empoderadas.

Figura 8: Luíza Sonza se apresentando com danças sensuais em roupa fetichista.



Fonte: Instagram da artista²¹

²¹ https://www.instagram.com/p/CYDCunhsR_8/ Acessado em 02/02/2022.

Figura 9: Pablo Vittar no set de gravação do seu clipe em 2022.



Fonte: Instagram da artista²²

Figura 10: Cantora Gloria Groove preparada para seu show com traje fetichista.



Fonte: Instagram da artista²³

²² <https://www.instagram.com/p/CW4cErrr-pY/> Acessado em 02/02/2022

²³ <https://www.instagram.com/p/CZXsnHnugUM/> Acessado em 02/02/2022

Na contemporaneidade, a moda é diversificada e plural. As peças em couro aparecem em todas as estações do ano e nas mais variadas cores. Usamos peças de todas as épocas, jeitos e tamanhos. Algumas são novas e contemporâneas, outras são releituras e a adquirimos repaginadas com o ciclo da moda que repassa alguns itens de décadas passadas para serem celebrados novamente na moda de vez em quando. Não há como negar que as peças feitas em couro carregam signos de beleza, fetiche e sensualidade. Artistas apoderam-se desse visual para mandar mensagens de poder e dominação sobre sua imagem.

2.3 Fetichismo no couro

A etimologia da palavra *fetiché* vem do latim *facere*, que significa fazer ou construir. Na língua portuguesa, deriva da palavra feitiço associado à arte mágica ou à feitiçaria. *Fetisso* em italiano, *fetish* em inglês e *fetiché* em francês como nos traz Hirschfeld (1982). A igreja católica medieval incluiu a palavra em suas normas disciplinares da sexualidade descontrolada da mulher e também foi empregado pelos exploradores portugueses “para descrever os misteriosos amuletos e objetos rituais preferidos pelos povos africanos” (MCCLINTOCK, 2010, p. 278).

O ato de adorar um fetiche é chamado de fetichismo e, de acordo com Hirschfeld (1982), quando observamos as relações em nossa sociedade, é evidente a existência do fetichismo. No entanto, apesar das diferentes visões do fetiche e de suas diversas utilizações, trataremos aqui especificamente do fetiche enquanto conceito erótico. Neste sentido, sua primeira utilização aparece na obra *Psychopathia Sexualis* (1886), do neuropsiquiatra alemão pioneiro em sexologia Richard von Krafft-Ebing, sobre o qual já falamos no capítulo sobre BDSM, abordando o fetichismo como uma perversão ou desvio sexual.

Steele (1997) diz que Krafft-Ebing definiu como: "a associação do desejo ardente com a ideia de certas partes da pessoa feminina, ou certos artigos do vestuário feminino, onde o próprio fetiche (em vez da pessoa associada a ele) se torna objeto exclusivo de desejo sexual".

Um ano depois, o francês Alfred Binet adotou o termo no ensaio *Le Fétichisme dans l'amour*, publicado na *Revue Philosophique* em 1887, no qual Pires (2009) define que o objeto fetichizado possui uma qualidade mística e que a veneração excessiva acarreta em patologia

quando o gozo no ato sexual significa a troca pelo uso desses objetos, sendo o fetichizador incapaz de se sentir satisfeito a não ser pelo contato com esses materiais.

Conceituado por Steele (1997, p. 13), a palavra fetiche remete a um encanto mágico em um “trabalho de aparências e sinais”. Para Villaça (2004), o fetichismo evolui concordando com as transformações de comportamentos relativos à linguagem sexual, ao desvio e à compreensão dos modos eróticos devassos. Villaça (2004, p. 06) discorre sobre como “os fetiches estabelecem as pontes imaginárias, as metamorfoses do exterior em interior, do corpo em espírito, da percepção externa em imagem interna”.

Steele (1997) ainda destaca que o fetichismo ainda é muito associado a imagens de sexo bizarro, ligado a atrações anormais por peças do vestuário, como sapatos altos e espartilhos bem apertados, ou partes do corpo como pés e cabelos. Isso acontece principalmente pelas características olfativas, táteis, visuais e associações simbólicas e psicológicas dadas a cada um.

Neste tópico, abordaremos o fetiche que é direcionado a um tipo de material específico, o couro, que pode estar inserido em roupas ou acessórios. Steele (1997) subdividiu esse tipo de fetiche em duas categorias, como explica:

Os fetiches por materiais foram divididos em dois tipos: “pesados” e “leves”. Itens pesados de fetiche (feitos de materiais como couro ou borracha) tendem a ser lisos, brilhantes e pretos, e são frequentemente peças de roupas ou sapatos apertados e constritivos. Fetiches leves são fofos, felpudos e cheios de babados. Exemplos incluem lingerie e pele de animais (STEELE, 1997, p.34).

A moda com sua atitude criativa que mescla empoderamento e encorajamento, teve sua importância na disseminação do fetiche por certos tipos de tecidos, principalmente entre os anos de 1970 a 2000. A curiosidade das massas foi aguçada sobre os fetiches em couro, seda, renda, látex, vinil e afins. Através de criações de estilistas renomados, e suas grifes, Thierry Mugler (Figura 11), Azzedine Alaïa (Figura 12), John Galliano (Figura 13), Gianni Versace (Figura 14), Jean-Paul Gaultier (Figura 15), Vivienne Westwood (Figura 14) e outros, adotaram o estilo e o espírito do fetichismo em suas peças e alcançaram sucesso de público e crítica com isso.

Figura 11: Thierry Mugler Primeira-Verão 1977 Paris Fashion Week



Fonte: Vogue²⁴

Figura 12: Criações do estilista Azzedine Alaïa expostas em 2018 no Design Museum de Londres.



Fonte: Design Museum²⁵

²⁴ <https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-1997-couture/mugler/slideshow/collection#67> Acessado em 01/02/2022.

²⁵ <https://designmuseum.org/exhibitions/azzedine-alaia-the-couturier> Acessado em 01/02/2022.

Figura 13: John Galliano para coleção Outono - Inverno da Dior no ano 2000



Fonte: Vogue²⁶

Figura 14: Outono - Inverno de Gianni Versace no ano de 1992



Fonte: Vogue²⁷

²⁶ <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2000-couture/christian-dior/slideshow/collection#34> Acessado em 01/02/2022.

²⁷ <https://www.vogue.com/fashion-shows/fall-1992-ready-to-wear/versace/slideshow/collection#83> Acessado em 01/02/2022.

Figura 15: Madonna com peça criada por Jean Paul-Gaultier para desfile beneficente da AmFar em 1992



Fonte: Site da UOL²⁸

Figura 16: Fotos do catálogo “gummi” com peças da grife de Vivienne Westwood



Fonte: Blog Vivienne Westwood²⁹

Fernandes (2006) reforça que o cheiro e o toque dos materiais são suficientes para causar excitação ao fetichista, ou seja, experiências a sós também o satisfazem. Além da aproximação e do contato direto com a própria pele, o fetichista pede para que o outro também faça uso do objeto durante as relações. São diversas as formas de excitação e

²⁸ <https://ffw.uol.com.br/lifestyle/gente/evolucao-de-estilo-madonna/galeria/10/> Acessado em 01/02/2022.

²⁹ <https://blog.viviennewestwood.com/the-rubber-maids-dress/> Acessado em 01/02/2022.

satisfação sexual do fetichista, além da tátil, alguns trabalham com outros sentidos sensoriais, como o do olfato.

A construção imagética do couro como material sexual teve amplo espaço nas mídias. O fetiche sexual no couro foi bastante explorado durante o século XX, fazendo com que quando se pense em roupa feita de couro, se pense logo em poder, fetiche e luxo para deleite de seus fetichistas.

3. A SEXUALIDADE E A MODA

Segundo Foucault, nas sociedades ocidentais, o sexo ligou-se diretamente a busca da verdade, especialmente a partir do advento do cristianismo. Nas sociedades cristãs o sexo é algo que precisa ser sondado, confessado, vigiado e convertido em discursos. Pode-se falar na sexualidade, mas para examiná-la e proibi-la para saber se não está de acordo com os discursos dessa “verdade” religiosa. Para o autor, esses discursos normativos, nascidos em torno do século XIX, de que existe uma ‘sexualidade’ que deveria estar em alinhamento com o biológico do ‘sexo’ para vigiar as incorreções, anormalidades e desvios de um suposto instinto que deveria guiar o sujeito.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988. p. 117).

O autor em seus estudos não se estendeu sobre os meios dessas proibições, mas sobre a análise política dessa produção de “verdades”. Apresentava a narrativa de que vivemos numa sociedade que concebe discursos refutados como verdades e conseqüentemente a isso fomentam a formação de poderes específicos. Assim, Foucault defende que essas verdades produzidas levam a uma repressão sexual:

Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave caução histórica e política o protege; pondo a origem da Idade de Repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento

e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ele faria parte da ordem burguesa. (FOUCAULT, 1988, p. 12).

Cabe ressaltar que a repressão da sexualidade não é algo unicamente pertencente ao sistema capitalista. Tal prática é muito antiga e acontece, inclusive, em sistemas não-capitalistas.

Esse controle da sexualidade, através do mecanismo de vigilância como instrumentos de censura, exclusão, de coibição, de restrição, de imposição, de exaustão de toda e qualquer forma de manipulação, repressão, normatização representa a repressão da sexualidade.

O mecanismo da sexualidade, desde final do século XIX, estava sendo desenhada pela igreja, psiquiatria, sexologia e até pelo direito. Classificando e dividindo sujeitos e práticas, e com isso, criando meios de controlar a sexualidade, que passou a delimitar o que é socialmente aceito e o que não é.

No final do século XIX, Krafft-Ebing (1886) expôs várias formas de vivência da sexualidade humana. Essas novas concepções fazem do desejo sexual o centro de toda ação humana. O autor dividiu a sexualidade em normal, em sua essência, e perversa, decorrente de taras hereditárias.

Foucault (1985) conta que os mais conceituados psiquiatras e sexólogos do século XIX esforçaram-se para catalogar os prazeres humanos. Um inventário de práticas sexuais que escapavam aos preceitos morais foi apontado e definido fazendo surgir assim novas formas de perversões. Obviamente dentro de conceitos higienistas e repressivos. Freud (1976) defende a singularidade da sexualidade em cada ser humano, A civilização comete uma grande injustiça ao “exigir de todos uma idêntica conduta sexual” (FREUD, 1976, p.197).

A sexualidade, enquanto objeto de estudo, tem sido amplamente discutida e estudada nas mais diversas disciplinas. A experiência sexual humana é devido a um complexo conjunto de vivências sociais, culturais, históricas e, também, biológicas.

Para explicar como a sexualidade liga-se à moda, é importante ressaltar o contexto histórico onde, ainda na Idade Média, um importante marcador foi a criação de roupas para homem e para mulher. Um exemplo disso é o surgimento do gibão estofado e curto para os homens, que davam destaque ao tórax, e o uso do corset para as mulheres que moldavam o corpo, afinava a cintura e erguia os seios. As roupas começaram a definir os gêneros, exercer papel importante nos jogos de sedução e de identificação.

A indumentária sempre deteve o poder de identificar e mostrar as posições ocupadas pelos sujeitos históricos e seus papéis sociais. Hollander (1996, p. 17) afirma que "na moda moderna, a sexualidade das roupas é a sua primeira qualidade; as roupas dirigem-se em primeiro lugar ao eu de cada pessoa, e somente depois ao mundo".

Os processos históricos, sociais e culturais de fabricações de significados para as sexualidades encontrarão nas roupas e na moda amparo para as modelagens dos indivíduos. Com isso, a moda sai do seu lugar de apenas funcional para ser reconhecida como meio de emancipação do ser.

3.1 O abraço do corset

Desde sua criação, até os dias de hoje, podemos dizer que o espartilho é uma das peças mais polêmicas e intrigantes da história da moda. Conhecer os significados do corset, ou espartilho³⁰, nos ajuda a compreender como essa peça tornou-se tão popular no mundo subversivo do fetiche.

Boris e Cesídio (2007) complementam dizendo que as roupas sempre contribuíram para entendermos o contexto histórico da humanidade, e com isso, também serviram para o fortalecimento da discriminação e opressão ao corpo da mulher. Essa marginalização acompanha as decisões históricas, políticas e socioculturais. Os avanços dos direitos das mulheres permitiu a modificação dos vestuários, tanto na sua funcionalidade quanto em seu simbolismo, pois de acordo com o autor, as roupas foram cruciais na desconstrução dos gêneros.

Assim como a mulher passou por uma série de lutas, transformações e conquistas pela sua libertação pessoal e profissional, o significado do seu corpo e da subjetividade feminina também acompanhou o processo de transformações sociais e históricas pelas quais passou a cultura ocidental (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 461).

A palavra *corset*, deriva do idioma francês, onde *corps* significa corpo e *serrer* significa apertar, ajustar. Pereira (2020) explica que são peças cujo uso é designado para a parte superior do corpo. Tradicionalmente, o corset é construído em tecido resistente e forrado em seda, algodão, couro ou outros materiais. Para sua estruturação anatômica são utilizadas

³⁰ Os termos corset e espartilho significam a mesma coisa, sendo o primeiro o termo francês do segundo.

barbatanas³¹ e possuem seu fechamento por meio de amarrações frontais ou nas costas. Sue Jenkyn Jones define a peça e sua origem:

A origem da palavra corset é a palavra francesa corps (corpo), que deriva do latim corpus. Nenhuma outra vestimenta na história ocidental obteve tamanho significado político, social e sexual quanto o corset ou o espartilho. O corset não era considerado apenas uma vestimenta projetada para realçar tão somente as formas femininas, pois se transformou em um ícone, despertando o fascínio. Somente o corset para realizar tamanha façanha, tendo-se em conta as rígidas regras sociais da era Vitoriana. Não foi ainda possível precisar quando o corset surgiu. Porém, sabe-se que os antigos gregos certamente já usavam um tipo dessa peça. Sabe-se também que a vestimenta já acentuava a silhueta feminina desde os séculos XIII e XIV, espalhando a sua popularidade para outros países. O uso do corset difundiu-se nos séculos XV e XVI, como podemos observar em várias pinturas da época renascentista. Porém, eram particularmente rígidos e incômodos, confeccionados com materiais como o ferro, madeira e ossos de baleias. Os ossos de baleia se transformaram no principal material para fornecer compressão ao corset. No começo do século XVI, as formas espanholas influenciaram as senhoras italianas e inglesas. (JONES, 2005).

Ao mesmo tempo que o corset serviu para a construção da figura da dona de casa inerte, frágil e devotada a ociosidade, em alguns momentos ele trabalhou a serviço da figura da monarca forte e em outros deu a cortesã o aparato sexual e sensual para sua imagem. Mostrando assim, o quanto essa peça possui diversas significações para seu uso dentro do grupo social ao qual está inserido. Hollander (1996) afirma que dentro do fetichismo, o corset é uma peça que desperta o desejo, poder e sedução.

Serrão (2013) discorre sobre as poucas mudanças na estrutura e forma do corset durante os séculos XVII e XVIII. Aspectos como os tamanhos do decote e acabamentos mudavam entre os modelos dos corsets franceses, onde o fechamento era na parte frontal (Figura 17) ou, na parte das costas, como os espartilhos ingleses (Figura 18). Elizabeth I (Figura 19), Catarina, a grande (Figura 20) e Catarina de Médici (Figura 21) foram rainhas influenciadoras do uso da peça. Essas monarcas foram grandes símbolos de suas respectivas nações com o amparo de suas roupas luxuosas e imponentes. Suas vestimentas contribuíram na construção da sua força política e contribuíram com a imagem de rainhas de personalidade fortes.

³¹ Hastes longilíneas e flexíveis, utilizadas na estrutura do corset para proporcionar a sustentação necessária para que ele seja capaz de fazer modificações na silhueta da mulher (DANTAS, 2011, p. 73).

Figura 17: Espartilho [Esquerda] Espartilho Infantil [Centro] Espartilho [Direito] usados na França. c. 1760 [Esquerda] Meados do século XVIII [Centro] Início do século 18 [direita]



Fonte: Acervo do Instituto de Trajes de Kyoto, Japão³²

Figura 18: Modelo de corset utilizado na Inglaterra do séc. XVIII



Fonte: The Victoria and Albert Museum em Londres³³

³² https://artsandculture.google.com/asset/corset-left-child-s-corset-center-corset-right/aOEFgnKl8bcc_g
Acessado em 01/02/2022.

³³ <https://artsandculture.google.com/asset/AwEQRDbU8PIC-g?childAssetId=AwGzmaFpfN19IQ> Acessado em 01/02/2022.

Figura 19: Retrato de Rainha Elizabeth I, autor desconhecido, 1600.



Fonte: Museu Real da Casa da Moeda no País de Gales³⁴

Figura 20: Retrato de Catarina, a Grande feito pelo pintor Fedor Rokotov em 1763.



Fonte: The State Tretyakov Gallery da Rússia³⁵

³⁴ <https://artsandculture.google.com/asset/elizabeth-i-portrait-unknown/9OEdLb-aixaKsA> Acessado em 01/02/2022.

³⁵ <https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-catherine-ii-fedor-rokotov/agG0oHahaTfZkA> Acessado em: 02/02/2022.

Figura 21: Retrato de Catarina de Médici, cerca de 1566, autor desconhecido



Fonte: Galleria degli Uffizi, Florença³⁶

Já no início do século XIX, a partir da revolução francesa, a peça praticamente esteve abolida do vestuário da mulher, por remeter aos luxos e aos excessos cometidos no reinado de Maria Antonieta e Luís XVI. A forma cônica dos espartilhos estendeu-se até meados do século XVIII, com variações apenas na altura e com ou sem alças.

Na segunda metade do século XIX, seu uso já estava disseminado por todas as cortes europeias. Por volta de 1875, a peça ganhou uma nova função, demonstrando assim como essa peça passou por vários significados ao longo de sua existência; o espartilho não servia mais apenas para alongar e conceder curvas ao corpo feminino, a ele se agregou a função moral.

A burguesia e a aristocracia da era Vitoriana, pelo menos, acreditavam que a roupa poderia ser lida tão facilmente quanto qualquer texto. Isto é, pensava-se que a roupa refletia e indicava a moralidade do seu ocupante. O espartilho era uma ferramenta essencial na precária busca e preservação da figura respeitável. (CALANCA, 2008, p.35)

³⁶ https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2591/1/MONOGRRAFIA_Sob%c3%89gideRequinte.pdf
Acessado em 01/02/2022.

Vasconcellos (2016) reforça que com a chegada da era moderna, seu uso limitou-se a acessório de moda, a partir dos anos 1970 e 1980, utilizado como componente externo para a subcultura punk e gótica (Figura 22), em que a vestimenta era fundamental para a percepção dos indivíduos no grupo. Na décadas seguintes, diversos estilistas como Christian Lacroix (Figura 23), Vivienne Westwood (Figura 24), Thierry Mugler (Figura 25), Jean Paul Gaultier (Figura 26), Donatella Versace (Figura 27) ditaram tendência com corsets modernos que remetiam ao visual fetichista.

Figura 22: Góticos fotografados por Sabine von Bassewitz em 2005.



Fonte: Museu Europäischer Kulturen na Alemanha³⁷

³⁷<https://artsandculture.google.com/asset/goths-sabine-von-bassewitz/qOGPzBbliWdmIw> Acessado em 02/02/2022.

Figura 23: Beyoncé usa espartilho criado por Christian Lacroix para seu clipe *Partition* em 2013.



Fonte: NY times³⁸

Figura 24: Modelo Bella Hadid com corset Vivienne Westwood pelas ruas de Nova York em 2019.



Fonte: Vogue³⁹

38

<https://www.nytimes.com/slideshow/2013/12/19/fashion/BEYONCE-FASHION-ALBUM/s/20131219-BEYONCE-slide-SXXX.html> Acessado em 02/02/2022.

³⁹ <https://www.vogue.com/vogueworld/article/bella-hadid-vintage-vivienne-westwood-corset> Acessado em 02/02/2022.

Figura 25: A rapper Cardi B usando peça, criada em 1997 por Thierry Mugler, para assistir desfiles do Paris Fashion Week - 2021



Fonte: Instagram da artista⁴⁰

Figura 26: Madonna com o icônico modelo de Jean Paul Gaultier na turnê Blond Ambition de 1990.



⁴⁰ <https://www.instagram.com/p/CUYpKuYMFnN/> Acessado em 02/02/2022

Fonte: What Else Mag⁴¹

Figura 27: Donatella Versace revisitou a coleção de 1992 de Gianni Versace para criação do Outono-Inverno da Versace em 2019.



Fonte: Marie Claire⁴²

O corset hoje é visto como símbolo sexual e de desejo tanto do homem como da mulher. Hollander (1996, p.177) diz que o corset é um fetiche compartilhado pelos gêneros: “Tanto a fantasia sexual masculina como a feminina estavam relacionadas com eles; eles respondiam a uma ampla gama de necessidades imaginativas”.

Em alguns momentos da história do corset na moda, ele foi usado como símbolo de restrição e autopunição à figura da mulher, construindo uma silhueta idealizada em prol do sofrimento pela busca da beleza. E assim transformado em peça de fetiche por diminuir a cintura e elevar os seios. Ao mesmo tempo que o corset simbolizou a potência sexual, também foi algoz da silhueta da mulher ao martirizar seu corpo na busca de adequação contida e submissa. Entretanto, com a ajuda de movimentos a favor da libertação das mulheres dessas regras, da arte do cinema e da moda, o corset atua hoje como objeto de fetichismo em diversos indivíduos que ligam o erotismo a essa peça do vestuário. Essas nuances da história

⁴¹ <https://www.whatelsemag.com/estilista-jean-paul-gaultier/> Acessado em 02/02/2022.

⁴²

<https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2019/04/como-e-por-que-o-fetiche-esta-fazendo-um-retorno-na-moda.html> Acessado em 02/02/2022.

do corset e seus significados são fundamentais para entendermos como o BDSM ressignificou essa peça para o patamar de poder e empoderamento da mulher que o usa.

3.2 Sapatos feitos para o prazer e a dor

Na história do desenvolvimento da humanidade, Conde (2004) relata que o homem percebeu que seus pés eram sensíveis e por isso precisavam de revestimento específico para proteção contra possíveis lesões. Com o passar dos séculos, a sede por novidades, culto da boa aparência e a fantasia do indivíduo, em busca da sua identidade e singularidade pessoal, transformou os sapatos em uma das peças mais significativas e simbólicas do vestuário humano segundo Lipovetsky (2009).

Conde (2004) reforça o fetiche nos sapatos quando explica que estes despertam o interesse sexual por definirem algumas partes do corpo da mulher quando usados, em especial, os saltos altos. Os sapatos de salto alto, quando utilizados, promovem uma mudança na estética corporal da mulher. O’Keeffe (2008) descreve as modificações ocorridas na silhueta feminina:

A parte inferior das costas arqueiam-se, a coluna e as pernas parecem alongar-se e o peito é lançado para frente. A barriga das pernas e os tornozelos parecem mais bem torneados e a curvatura inferior dos pés parece querer elevar-se dos sapatos. (O’KEEFFE, 2008, p.73).

Linda O’Keeffe (2008) ainda nos diz que “psicologicamente, os saltos altos permitem-lhes comandar e não ser comandadas. Uma mulher comum torna-se uma torre de sedução, olhando os homens literalmente de cima para baixo” (O’KEEFFE, 2008, p. 72). Além disso, “sexualmente, quer ela o reconheça, quer não, pode escolher tornar-se o sujeito ou o objeto de adoração masculina” (O’KEEFFE, 2008, p. 72-73). Lipovetsky (2009) completa afirmando que o sapato é um objeto causador de exaltação e loucura, principalmente entre as mulheres, não só pela sua função de proteção às partes sensíveis do corpo, mas também pelo prazer em tê-los sob sua posse e pelo prazer particular de admirá-los.

Os sapatos retratam desejos, personalidades, intenções, fetiches, sensualidade e sexualidade nos jogos fetichistas em busca do prazer. Freud (1927) teoriza que o sapato

feminino simboliza a vagina, logo o ato de calçar os sapatos seria uma simbologia do ato sexual. Souza (2014) explica que os sapatos de saltos são bastante utilizados em práticas fetichistas dentro da cultura BDSM. As dominadoras praticam o que chamam de *trampling*⁴³, que é a prática ligada à podolatria⁴⁴ que consiste em pisar, ou até mesmo caminhar, sobre o submisso ou submissa e no CBT, sigla de *Cock and ball torture*,⁴⁵ que consiste na tortura dos órgãos genitais pelos saltos da dominadora.

Steele (1997) acrescenta que o sapato de salto alto tornou-se um artefato de adoração pelo homem passivo que o vê como objeto de devoção carregado de poder e dominação. Ela ainda continua ao explicar que esses estereótipos de gênero são comuns em fantasias fetichistas, pois rompe com o que a sociedade decreta para essas relações, o homem ser agressivo enquanto a mulher permanece passiva. A autora ainda frisa que para alguns fetichistas os pés adornados por um salto alto tornam-se misteriosos e proibidos, para outros o cheiro é que dá o tom da excitação e para os denominados submissos a sensação de ser pisada e humilhado, tanto físico, moralmente ou verbalmente, é o que o satisfaz.

Importante ressaltar que o couro preto dos sapatos já era fetichizado desde o século XIX, onde Krafft-Ebing, em sua obra *Psychopathia Sexualis* (1886), da qual já falamos no capítulo que aborda a história do BDSM, já expunha casos de fetiche por sapatos.

Os sapatos, principalmente os saltos altos, dominaram os pés e lhes conferiram novos simbolismos de acordo com o comportamento de cada grupo. A glorificação e coroação do salto para os fetichistas, mesmo que através de torturas é fundamental para a chegada no seu ápice sexual. Os saltos, ao longo da história da moda, foram utilizados como símbolos de passagem, poder e fetiche. Como costumeiramente, vemos pelos olhos de vários fotógrafos de moda, o interesse em criar uma atmosfera fetichista para suas campanhas de sapatos (Figura 28).

⁴³ Verbo do participio presente de Trample (pisar). <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/trampling> Acessado em 02/02/2022. Trampling é um fetiche que consiste no ato de um indivíduo ser pisado por uma ou mais pessoas, muitas vezes associado ao sadomasoquismo e à podolatria.

<https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/material-didatico-023-trampling/> Acessado em 02/02/2022.

⁴⁴ Podolatria é a atração, ou melhor, o desejo sexual através dos pés.

<https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/pes-podolatria/> Acessado em 02/02/2022.

⁴⁵ Tortura do pênis e dos testículos. (Tradução da autora)

Figura 28: Fotografia de Helmut Newton para campanha da Letage em 2013.



Fonte: Claudia Online⁴⁶

3.3 Chicotes que excitam

Um dos acessórios mais emblemáticos da cultura BDSM é o chicote, usado como forma de punição, encarado por quem o usa, e por quem recebe os açoites, um artefato que produz forte estímulo prazeroso. Para não usarem as mãos, as dominadoras utilizam o chicote, para que assim possam flagelar o submisso por um tempo maior, sem cansarem ou machucar suas mãos.

Steele (1997) explica que o uso do chicote no jogo da dominação implica o desejo de alguém em ser punido e do outro de ser chicoteado. A autora ainda sugere que açoitar é também acariciar. Não é só punição, pois é submeter a vontade e desejo do outro nessa troca de prazer. Freitas (2011) explica que a dominadora normalmente caracteriza-se por trajes com construção mais rígida e maquiagem marcante, além dos sapatos que ajudam a complementar a construção da imagem do poder através da roupa, para que a mesma possa perpetrar a dor e o prazer com seu chicote na cena. Para reforçar essa ideia, novamente, a fusão da moda, cinema e fetiche entra em cena quando pesquisamos sobre a imagem da mulher dominadora na mídia.

⁴⁶ <https://claudia.abril.com.br/moda/helmut-newton-inspira-campanha-de-inverno/> Acessado em 02/02/2022.

No filme *Batman - o retorno* (1992) do diretor Tim Burton, Steele (1997) discorre sobre a personagem Mulher-gato (Figura 29). Interpretada pela atriz Michelle Pfeiffer, foi a grande responsável por inserir a moda fetichista no consciente coletivo através do cinema. A personagem foi vestida para lembrar uma mulher dominante e sobrevivente que adquiriu malícia e autoestima. Para reforçar sua personalidade foi dada a ela um chicote.

Figura 29: Mulher-gato e seu chicote



Fonte: Site Sideshow⁴⁷

Steele (1997) aborda que a atração que muitas mulheres demonstram pela moda tem relação com sua liberdade de escolha sobre suas indumentárias. Através das peças e acessórios, as mulheres têm seu desejo de liberdade sexual e independência simbolizados em seus trajes. Por isso, na relação da dominadora e do seu submisso, que tem fetiche em ser chicoteado, a importância desse artefato no conjunto da cena. A moda, no seu lugar de apropriação cultural, reforça a representação da mulher dominadora e ativa. A imagem da mulher controlando e subjugando um homem mais atrai do que ofende. A autora ainda pontua que “o que é verdade para a fantasia sexual “normal” também é verdade para o fetichismo - e para a moda”(STEELE, 1997, p. 175).

⁴⁷ <https://www.sideshow.com/geek/a-cat-with-more-than-nine-lives-the-many-on-screen-faces-of-catwoman/>
Acessado em 02/02/2022.

A sexualidade humana é mais complexa do que podemos imaginar, dentro das nossas experiências pessoais. Enquanto nos relacionamentos heteronormativos binários monogâmicos cristãos o “normal” é o sexo para reprodução da espécie, para muitas outras pessoas o “normal” é chegar ao clímax sexual ao ser chicoteado por uma mulher na posição de dominação.

3.4 A construção da segunda pele da Dominadora

A mitologia suméria traz o primeiro registro, do qual a humanidade tem conhecimento, sobre dominação e sadomasoquismo. Há mais de 2.000 anos A.C., Inanna, deusa do amor, do erotismo e da fertilidade era cultuada em templos mesopotâmicos. Nomis (2013) menciona Inanna como um exemplo de *dominatrix* por ser reconhecida como uma Deusa poderosa que subjuga homens e Deuses.

A popularização das práticas sadomasoquistas na sociedade moderna foi devido, em grande parte, pela profissão da *dominatrix*. A fantasia erótica da mulher em posição superior de poder e dominação sexual foi incorporada, inicialmente, no campo das artes. Através de contos e ilustrações que datam do século XVI, a figura da mulher dominadora sempre permeou o imaginário de uma parcela específica da população. Essa posição da mulher na relação estava em desacordo com as imposições sociais ditadas pela religião patriarcal. E de acordo com Califia (2006), esse arquétipo da dominadora destruiu essas normas, colocando a mulher em uma posição superior e de poder perante o homem, onde ele encontra prazer sexual e realização na submissão a uma mulher.

A profissão nasce na década de 1950, dentro de bordéis ingleses, onde há registros de flagelações feitas por mulheres que assumiram o papel de dominante na época. Nomis (2013) ainda discorre sobre obras que deram início a representação das mulheres como dominadoras, como a *The Cully Flaugh'd* (Figura 30), feita entre 1672 e 1702, atribuída ao pintor Marcellus Laroon II, foi uma das primeiras pinturas que mostrava uma mulher numa cena de flagelação e dominação erótica.

Figura 30: The Cully Flaug'd - Ilustração feita Marcellus Laroon II entre 1674-1702.



Fonte: The British Museum em Londres⁴⁸

Fardin (2019) nos relata que a obra escrita por John Cleland, e publicada em 1748, foi um dos primeiros romances eróticos, com descrições de atividades de dominação. *Fanny Hill - Memoirs of a woman of pleasure*⁴⁹ conta a história da cortesã *Fanny Hill*, que descrevia com detalhes, explícitos e sem arrependimentos, suas aventuras sexuais. Nos anos que seguiram-se, foram surgindo diversas outras obras com temática fetichista envolvendo a dominação de mulheres sobre seus parceiros. Uma das mais famosas e relevantes dentro da história do BDSM, é a obra “A Vênus das peles”, do escritor austríaco *Leopold von Sacher-Masoch*, que contava a história autobiográfica do próprio autor, com detalhes e clareza

⁴⁸ https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1881-0611-320 Acessado em 01/02/2022.

⁴⁹ Tradução do inglês: *Fanny Hill - Memórias de uma mulher de prazer*. (Tradução nossa).

a experiência submissa vivida junto a sua dominadora *Fanny Pistor*. Segundo Steele (1997), Sacher-Masoch implorava para que sua amante utilizasse peles principalmente quando estivesse na posição de dominadora. Nas décadas de 1920 e 1930, o fotógrafo tcheco Jacques Biederer, em seu estúdio, produziu diversos ensaios fotográficos com temática fetichista e com mulheres, em sua grande maioria, na posição de dominação (Figura 31).

Figura 31: Fotografia de Jacques Biederer de Dominadora punindo seu submisso.



Fonte: Jacques Biederer⁵⁰

No século XX, a empresa *Yva Richard* (Figura 32) desenvolveu lingerie e vestuários fetichistas.

⁵⁰ <https://barbarapicci.com/2015/09/25/jacques-biederer/> Acessado em 01/02/2022.

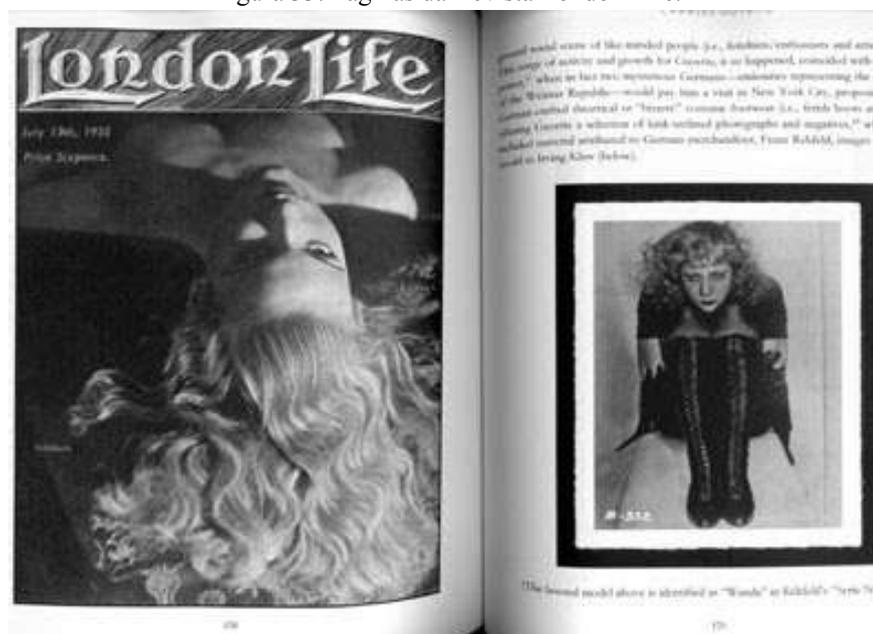
Figura 32: Modelos com peças criadas pela empresa *Yva Richard*.



Fonte: *Yva Richard*, séc. XX ⁵¹

Charles Guyette, pioneiro em divulgar e produzir materiais nos Estados Unidos, teve seus trabalhos publicados na revista *London Life* (Figura 33), no qual já falamos o quanto foi importante para disseminação da cultura BDSM.

Figura 33: Páginas da Revista *London Life*.



Fonte: Revista *London Life*. ⁵²

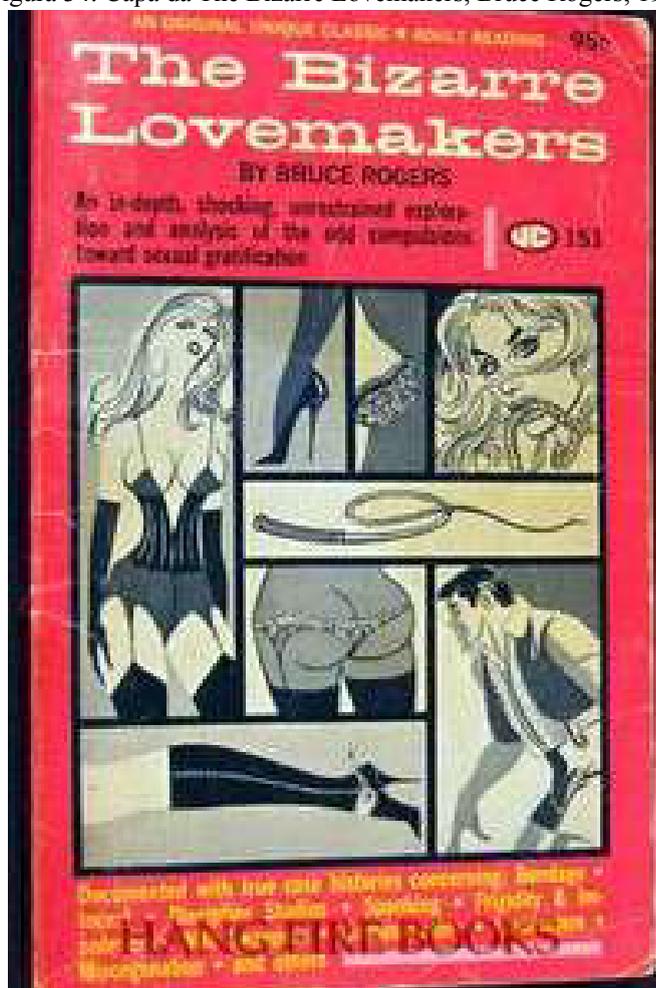
Nomis (2013) afirma que apesar da profissão da *dominatrix* existir desde meados do século XVI, o termo só surgiu no final da década de 1960, por referência das revistas

⁵¹ <https://chris-kilkus.com/yva-richard-and-early-fetish-lingerie/> Acessado em 01/02/2022.

⁵² <https://fethistory.blogspot.com/2018/01/charles-guyette-godfather-of-american.html> Acessado em 01/02/2022.

chamadas *pulps*. As *pulps* foram publicações de literatura popular, pois mantinham seus custos de produção baixos e tinham seu miolo impresso em papel de baixa qualidade, fabricado a partir de polpa de celulose. As pulps estadunidenses surgiram na década de 1890 e seu auge aconteceu nos anos 1920 e 1930, quando centenas de títulos de diferentes gêneros podiam ser encontrados pela classe trabalhadora e adolescentes nas bancas, como relata Jones (2006). A Pulp, *The Bizarre Lovemakers* (Figura 34) publicada em 1967, de autoria de Bruce Rogers, é considerada uma das primeiras a utilizar o termo *dominatrix* para descrever uma mulher que aplica punições em troca de dinheiro.

Figura 34: Capa da *The Bizarre Lovemakers*, Bruce Rogers, 1967



Fonte: Amazon⁵³

Os filmes *Maîtresse* (Figura 35), de 1975, e *Dominatrix without Mercy* (Figura 36), de 1976, foram obras audiovisuais que ajudaram a propagar a cultura da dominadora no BDSM.

⁵³ <https://www.amazon.com/-/es/Bruce-ROGERS/dp/B002J7TENO> Acessado em:01/02/2022.

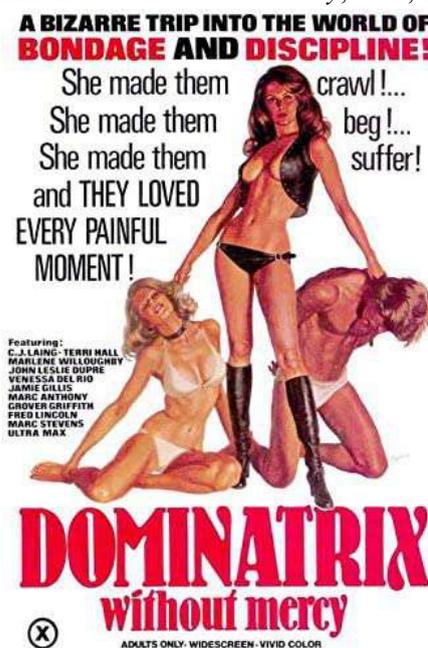
Mostrando sempre as protagonistas em seus trajes de dominação, normalmente com muito couro preto.

Figura 35: Cena do filme *Maitresse*, 1975, Diretor: Barbet Schroeder.



Fonte: Amazon⁵⁴

Figura 36: Pôster do filme *Dominatrix without mercy*, 1976, Diretor: Shaun Costello



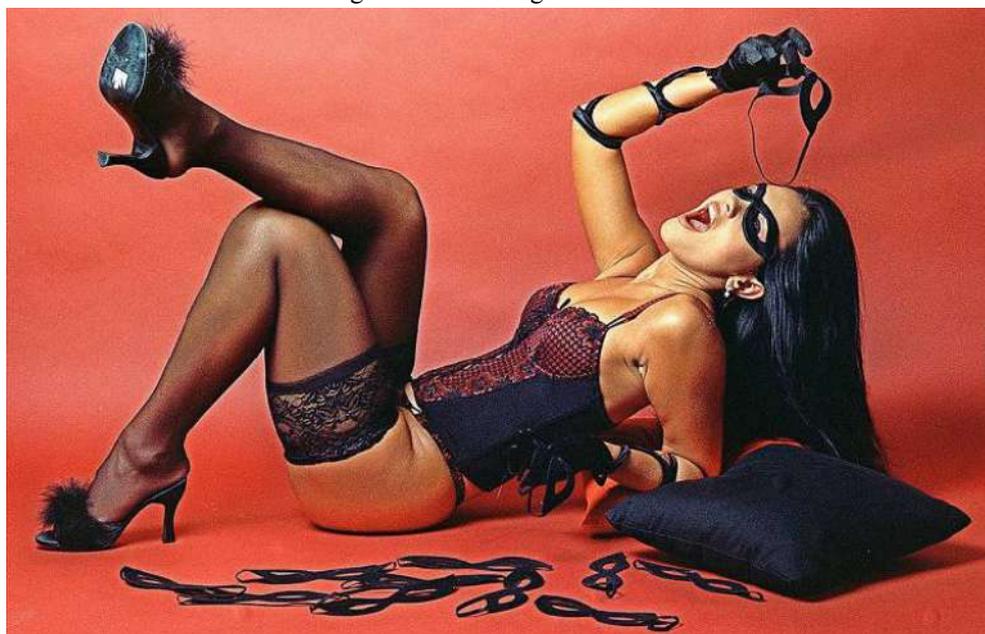
Fonte: Amazon⁵⁵

⁵⁴ <https://www.amazon.com/Maitresse-Criterion-Collection-G%C3%A9rard-Depardieu/dp/B000127IFC>
Acessado em 01/02/2022.

⁵⁵ <https://www.amazon.com/Dominatrix-Without-Mercy-POSTER-Inches/dp/B00KK6JM9E> Acessado em 01/02/2022.

A personagem Tiazinha (Figura 37), que surgiu no programa H da Rede Bandeirantes na década de 1990, trajando seu espartilho, máscara ao redor dos seus olhos e chicote, ajudou a popularizar no Brasil a representação da mulher dominadora. A personagem lidava com fetiches relacionados ao sadomasoquismo e castigava homens em horário nobre da TV. Obtendo grande sucesso entre as massas, ao ponto de posar em revistas de nudez, gravar músicas, ter chicletes infantis com suas imagens estampadas e ganhar seu próprio programa de TV. Apesar das suas referências da cultura BDSM serem lidas como superficiais por defensores mais tradicionais da cultura, não se pode negar a importância dessa representatividade para as grandes massas.

Figura 37: Personagem Tiazinha



Fonte: Folha de São Paulo online⁵⁶

Nos anos 2000, Dommenique Luxor (Figura 38), formada em história e com um emprego comum, abandona a vida convencional e decide se tornar uma dominadora profissional. Autora do livro “Eu, Dommenique”, lançado em 2012, onde descreve com detalhes algumas de suas sessões e as práticas envolvidas com os submissos. Atuante até os

56

<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2018/08/suzana-alves-a-ex-tiazinha-completa-40-anos-e-faz-sua-primeira-protagonista-no-cinema.shtml> Acessado em 02/02/2022.

dias atuais, utiliza *Facebook*⁵⁷, canal no *Youtube*⁵⁸, *Site* próprio⁵⁹ e *Instagram*⁶⁰ para relatar suas experiências, promover a cultura BDSM e comercializar seus cursos e consultorias para quem quer desenvolver a arte da dominação.

Figura 38: Matéria sobre a profissão da Dominadora Dommenique Luxor na revista Glamour Brasil em Dezembro de 2021.



**Matéria na revista
@glamourbrasil
Link nos stories**

**Dominatrix
desmistifica a prática
da dominação: "É uma
mulher que domina e se
autodetermina como
dominante"**

Com o sucesso de "Verdades Secretas", práticas vinculadas ao BDSM ganharam destaque. Aqui, um longo papo com Dommenique, uma das precursoras no Brasil

Por Malu Pinheiro (@mariluisapp)
19/12/2021 08h13 · Atualizado há um dia

@dommeniqueluxor

Fonte: Instagram da dominadora

No cinema, na moda, na literatura e nas relações entre os adeptos do BDSM, o couro continua sendo um dos materiais mais utilizados para construção das roupas e acessórios das dominadoras. Junto ao vinil e o látex, esses materiais tornaram-se símbolos de poder, prazer e fetiche. A roupa da dominadora traz o apelo sensorial, visual, olfativo e a estética certa para despertar no outro todas as sensações que o seu fetiche procura na performance da dominadora.

⁵⁷ <https://www.facebook.com/DominatrixDommenique> Acessado em 07/02/2022.

⁵⁸ <https://www.youtube.com/c/DommeniqueLuxorDanidePaula> Acessado em 07/02/2022.

⁵⁹ <http://www.cursodominatrix.com> Acessado em 07/02/2022.

⁶⁰ <https://www.instagram.com/dommeniqueluxor/> Acessado em 07/02/2022

4. ENTREVISTA COM AS DOMINADORAS

Satisfazer a necessidade natural de vivência e exploração da sexualidade humana transforma-se, muitas vezes, numa descoberta complicada entre os preceitos morais regidos pela igreja, pelas relações de gênero e sobre o que os outros possam dizer.

Foucault (2001) expôs que o sexo sempre foi um campo dissecado, escrutinado, examinado até incansavelmente, mas sempre de acordo com as convicções e os princípios em vigor. A corrente Iluminista e a ascensão da Ciência e da Razão como agentes determinantes para a chegada do modernismo e do progresso empreenderam esforços para a transformação social. O desenvolvimento de sociedades esclarecidas e evoluídas com base em soluções na busca da ciência sobre os fenômenos da natureza e das relações humanas, enfrentaram criticamente o obscurantismo e os dogmas da religião que mantinham a ignorância das populações e impediam o esclarecimento. A ciência deixa de tratar a sexualidade como apenas uma prática e passa a entendê-la como identidade.

Tendo em vista que a indumentária é o principal objeto de estudo da moda, é necessário uma investigação, nos dias de hoje, sobre como o simbolismo do uso do couro na roupa da dominadora a afeta na sua performance fetichista. A vestimenta, que perdeu sua função fundamental de proteção do corpo, passa a representar uma extensão do mesmo, ressignificando-o. A indumentária constrói diversas narrativas e expressões sobre nós mesmos: sobre quem somos ou como queremos ser vistos, tanto para nos diferenciar como para identificar e ocupar posições ou oposições dentro de um grupo.

Após as pesquisas bibliográficas, realizou-se pesquisa qualitativa por meio de entrevista estruturada com seis perguntas, acerca da vivência da mulher no BDSM, realizada no período de dezembro de 2021 a janeiro de 2022. Participaram do estudo cinco profissionais dominadoras atuantes no mercado brasileiro que moram na cidade de São Paulo. Como critério de inclusão era necessário que a participante trabalhasse como dominadora e concordasse em participar voluntariamente assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Seus nomes e perfis na internet serão mantidos em sigilo, assim a nomeamos de Domme 1, Domme 2 e assim sucessivamente.

Encontradas em seus perfis nas redes sociais *Instagram* e *Twitter*, optamos por uma abordagem temática do momento vivenciado pelas mulheres estudadas. Com isso, buscamos

entender, por meio de seis perguntas de respostas abertas, como foi a descoberta do BDSM para essa mulher e qual a relação do couro dentro da prática para os envolvidos.

Lakatos e Marconi (1996) explicam que as entrevistas estruturadas são elaboradas com base em perguntas que são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste tipo de pesquisa é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os entrevistados e não diferença nas perguntas. Para os autores, este tipo de entrevista traz informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a padrões de múltipla escolha. O método utilizado para obter essas respostas foi por envio de questionário com perguntas estruturadas através do Whatsapp e e-mail dessas dominadoras. Cinco delas sentiram-se mais à vontade enviando as suas respostas por meio de áudio no aplicativo e uma enviou respostas escritas.

A primeira questão: “Como e onde conheceu o BDSM?” busca entender qual o primeiro contato dessa mulher com essa cultura vista como transgressora e anti tradicional.

A Domme 1 relata que iniciou para fugir de um lar familiar turbulento e agressivo. Ao sair de casa, precisava sustentar-se e foi nas ruas que teve o primeiro contato com a realização de fetiches. Um homem que trabalhava no meio, com festas particulares privativas para submissos, informou que ela possuía perfil para ser dominadora nas relações e fazer disso um trabalho. Não consumia pornografia, não sabia do que se tratava, mas a partir das primeiras experiências de cunho apenas comercial foi descobrindo-se gostar da posição de ser objeto de adoração, reverência e submissão dos clientes.

A Domme 2 fala que a mesma já havia buscado informações na internet, livros e filmes antes de vivenciar a primeira experiência. Um namorado de 8 anos atrás a inseriu nessas práticas e após o término do relacionamento, percebeu que queria obter mais daquelas sensações. Então procurou o twitter como forma de descobrir outras pessoas para manter esses relacionamentos de consensualidade e agressividade.

A Domme 3 informa que conheceu o BDSM por meio de produções audiovisuais que abordavam a temática e com uma amiga que já trabalhava no meio e a ajudou com conhecimento das práticas.

A Domme 4 fala que o primeiro contato foi por meio de sites na internet com foco na pornografia quando ela tinha 12 para 13 anos de idade. Ao assistir a um vídeo onde uma mulher estava amarrada junto a um rapaz e sendo submisso para uma mulher que os torturava consensualmente, pois a que estava sendo subjugada sentia muito prazer estando nessa posição, essa cena despertou a curiosidade e atiçou sua libido. Ao ponto de sempre que possível, ela revisitava esse vídeo para estimular sua excitação. Depois começou a pesquisar mais pela internet em buscas de mais conteúdos e informações sobre aquelas práticas que ela havia descoberto. A visão do corpo feminino preso, amarrado a excitava demais. Mesmo com o conflito interno por questões de culpa social por gostar daquele tipo de sexo não tradicional, continuou absorvendo essas imagens as escondidas. Aos 17 anos, com a primeira namorada, começaram as duas a explorar práticas de fetiche. E mesmo após o término do relacionamento, que durou um ano, a Domme 4, continuou a estudar mais sobre o BDSM e adentrar cada vez mais nas práticas, como a do shibari, que como a mesma explicou, consiste na amarração da outra pessoa por cordas, uma técnica japonesa de restrição corporal muito adotada para os fetichistas dessa técnica. Seu segundo relacionamento, aos 19 anos, também foi nos moldes do BDSM. Onde a mesma decidiu por ampliar seu repertório de poder e definir as dinâmicas, agregando as regras de conduta, participando de workshops sobre o assunto, adquirindo acessórios e roupas para as práticas.

A Domme 5 descobriu por meio de um podólatra, indivíduo que tem fetiche por pés. Depois desse contato ela descobriu-se fetichistas em alguns desejos também e decidiu tornar-se dominadora profissional.

Com essas narrativas, podemos perceber que existem 4 grandes vias de conhecimento desta prática: a necessidade financeira permeando o início da profissão, a influência de outra pessoa na relação que as apresentou a alguma prática fetichista, o acesso a produções audiovisuais e literatura que abordam esta temática e por consciência, no íntimo e por meio de experimentação, a descoberta do fascínio por alguma vertente do BDSM ou algum outro tipo de fetiche.

Pudemos constatar a necessidade que os participantes têm de aprofundar-se em conhecer esse mundo. Assim, as primeiras experiências antecedem o conhecimento das regras, das dinâmicas e das características que definem o BDSM. O meio principal para a

busca de tais informações é a internet, onde, como referem os entrevistados, se tem acesso a filmes, livros sobre esta temática, bem como ao contato direto com a comunidade participando de workshops e ampliando o repertório de práticas. Assim, encontramos concordância com estudos de Zilli (2009), Leite (2000), Facchini (2011) e Gregori (2010) que relataram a internet como principal instrumento propagador da cultura BDSM no Brasil.

A segunda questão: “O que te interessou no BDSM para tornar-se Dominadora?”

tenta explicar qual o interesse dessa mulher em subjugar o outro. Visto que a escolha não foi pelo caminho que a sociedade sempre impõe a mulher, a de submissa.

A Domme 1 relata que encontrou um lugar que abraçou a sua personalidade agressiva e por sentir um prazer imenso no ato de espancamento no submisso. Segundo suas palavras:

“Conheci uma pessoa que era do meio que me identificou como uma pessoa dominadora, porque eu também sempre fui assim do movimento punk. Realmente eu tinha um jeito bastante agressivo digamos assim. Obviamente eu estava numa situação de fragilidade social, né? E precisando de dinheiro e essa pessoa veio com uma notícia maravilhosa que eu poderia usar minha agressividade para ganhar dinheiro. Ele começou a me apresentar e falar “poxa, não bate nos caras de graça, você pode ganhar dinheiro com isso”. Que maravilha posso descontar o ódio que eu tenho nessa raça ruim. E foi assim que ele foi me ensinando algumas coisas, né.”
(Domme 1)

Para a Domme 2 interessou o conceito de ser exaltada pelo outro, guiar as suas vontades e explorar sua sexualidade sem o controle social. Apesar da responsabilidade em dominar o outro, para ela, a sua vontade está acima dos outros e isso a motivou na carreira de dominadora. Ajudou a moldar sua autoconfiança e a mesma acha o processo de dominação muito divertido. Poder xingar seus clientes, pisar e chicotear a fazem muito bem.

A experiência da Domme 3 foi através de um cliente de uma amiga que já atuava como Dominadora. A pedido do cliente, que queria ser dominado por duas mulheres, ela gostou e começou a atuar de maneira mais ativa e profissional no meio.

Domme 4 uma das questões que a atraiu a tornar-se dominadora, foi a quebra com os valores tradicionais de relacionamentos sexuais, a liberdade que o BDSM a deu para permitir-se usar roupas bonitas e diferentes para o ato. Outro ponto é a cumplicidade que

cria-se com o outro e respeito sobretudo pela abertura de conversas e trocas. Não precisar aprisionar seus desejos para conviver num relacionamento padrão.

Domme 5 pontua que o mais importante para ela foi a liberdade de exercer seu poder perante homens e mulheres.

Notamos que a partir do momento em que descobrem os benefícios do BDSM para a sua identidade, as mulheres passaram a analisar sua vivência antes e depois do BDSM. Como estudos apontados por Mota e Oliveira (2012) onde a identidade BDSM acaba definindo as relações dessa mulher com o meio que está inserida. Berlim (2012) também reforça a questão da roupa para comunicar sua individualidade e identidade. Com a obtenção desses resultados podemos inferir que o interesse não é apenas erótico, mas também um prazer psicológico pela posição a qual ocupam e pelas roupas que utilizam na atividade.

A terceira questão: “Você possui muitas roupas e acessórios em couro para a prática? Pode citar algumas?” chegar no viés da construção da indumentária personificada de poder para a performance.

Domme 1 relata que não utiliza peças de couro animal, pois possui acesso com mais facilidade a produtos de couro sintético. Acabou de adquirir um chicote de couro de sola, um tipo específico de chicote para a prática de bondage. Possui jaqueta de couro sintético e também uma máscara de restrição que utiliza no submisso. Também possui um acessório que lembra um saco com zíper, utilizado na prática de restrição de sentidos. Possuía mais alguns acessórios em couro, mas devido a falta de hidratação das peças e cuidados com o material para aumentar sua durabilidade acabou perdendo esses acessórios. Atualmente, prefere trabalhar com o vinil com efeito látex, por ser mais fácil de encontrar em São Paulo. Relatou que a aparência fosca de alguns materiais não é mais interessante como uma peça brilhosa, essas estão na tendência da moda do BDSM no momento.

A Domme 2 relata que não possui muitas peças em couro, só um coturno, algemas e um flogger, que é um tipo específico de chicote. Mas possui interesse em adquirir peças de

couro verdadeiro principalmente para quando começar as sessões presenciais com seus clientes.

Domme 3 conta que tem roupas em couro, chicotes e botas.

Domme 4 relatou que possui oito conjuntos de peças em couro sintético, pois o couro animal mais resistente é bastante caro. Mas possui uma jaqueta de couro com estética militar por ser objeto de desejo da mesma, e possui uma calça de couro sintético.

Domme 5 relata sua preferência por couro de origem animal:

“ Tenho uma jaqueta, uma saia e tenho várias botas e sapatos. Principalmente os calçados, os podólatras amam. Eu tenho vários sapatos de couro. E couro de verdade. Eu não gosto de couro fake porque eu acho que é um desserviço à natureza. Mas eu quero dizer que o couro dito ecológico, desmancha e você vai ter que jogar fora enquanto o couro natural, a jaqueta que eu citei tenho ela faz dez anos e ela vai durar mais dez, mais vinte, quem sabe. Então, é um material caro, mas é um material que vai durar muitos anos.”⁶¹ (Domme 5)

Podemos perceber o que Steele (1997) apontava a influência de peças inspiradas em movimentos musicais, como o punk e o rock. As saias curtas, jaquetas de couro, botas, saltos que exibem uma conotação sexual e transgressora. Ela ainda relata que o uso dessas peças ajudam a construir personas fortes, sensuais e empoderadas. O uso do salto e sapatos de couro tornou-se artefato de adoração pelo submisso que o vê como objeto de devoção carregado de poder e dominação. O uso do chicote no jogo da dominação implica o desejo de alguém em ser punido e do outro em ser chicoteado. Nessa relação açoitar é também acariciar.

A quarta questão: “O que você sente ao usar essas peças em couro?” Entender o simbolismo psicológico da roupa de couro para a dominadora.

A Domme 1 explica essa questão da seguinte maneira: o couro fosco e animal passa a ideia de firmeza e rigidez, então para uma prática que será na base da dominação e disciplina traz uma sensação de poder tanto para ela quanto para o submisso. Enquanto que o material

⁶¹ Fala da entrevistada e que não reflete a minha opinião como investigadora e designer de moda.

brilhoso e lustroso, como o vinil, passa a ideia de servidão e endeusamento. Então ela percebe-se como uma deusa a ser idolatrada.

A Domme 2 apesar de não utilizar o couro “verdadeiro”, ao usar o vinil ela sente-se sexy, poderosa, incrível e linda, auxiliando sua persona na cena ao sentir-se extremamente dotada de poder.

Domme 3 diz que representa o poder e resistência e que ama como esse material fica muito lindo na pele dela.

Domme 4 relata que usar as peças para a cena a faz entrar na personagem. O processo de vestir a roupa para dominar estimula a construção do momento. O cheiro do couro causa uma excitação já no momento de montar-se.

Domme 5 observa uma sensação gostosa ao usar o couro. Para ela, a importância da roupa no BDSM é inseparável de uma prática realmente excitante e eficaz. Porque a indumentária ajuda a construir um poder sobre o outro, pois geralmente ela está toda amparada pela roupa de dominadora enquanto seu submisso encontra-se nu para demonstrar a submissão dele a ela.

As sensações descritas pelas entrevistadas encontram relação nos estudos de Richardson e Kroeber (1940) quando abordam as sensações causadas na maneira que o indivíduo comunica e sente a moda na expressão da sua sexualidade. Aqui, podemos entender o que Foucault (2006) fala como poder exercido através da relação dessas mulheres com o uso do couro, ou de material que remeta a ele, inflando essa sensação de bem estar e domínio de si e do prazer do outro. Encontramos conexão também com o que Birnbaum (1975) diz sobre a habilidade de persuadir pessoas para realizarem o que alguém deseja e é o que podemos observar quando essas mulheres têm conhecimento do poder que a roupa, ou a peça de couro, faz ao outro.

A quinta questão: “O que consegue observar, no outro, quando está a usar essas peças em couro no ato de dominar?” quer entender os simbolismos da indumentária não só para quem a usa, mas também para quem é afetado por ela.

A Domme 1 explana que observa o endeusamento dos submisso em relação a sua presença na roupa de dominação.

Domme 2 fala que são roupas muito impactantes e a primeira impressão dos seus submissos é de surpresa. O impacto de olhar e logo depois enfeitiçar o submisso para fazer o que ela quiser com ele.

Domme 3 diz que o submisso tem mais respeito quando ela usa as peças em couro, o couro dá um tom de superioridade e isso é fundamental nessa área.

Domme 4 relata que promove um abalo sexual muito grande no submisso, porque ele está atrás exatamente dessa fascinação, desse tremor de carne ao ver a dominadora naqueles trajes. Sem fazer nada, somente com a indumentária a dominadora já causa uma sensação visual e sexual ao submisso.

Domme 5 relata que o outro percebe a dominação e poder do couro diante dele. Enquanto o submisso encontra-se nu, ela está toda vestida para deleite de ambos.

Essas informações validam o que Lurie (1997) aponta como a roupa como artefato de poder doando habilidades especiais para quem as usa e como isso é percebido por meio externo. Lipovetsky (2009) também vem a confirmar essas explicações quando fala sobre o fenômeno da moda e fetiche atuando interligadas. Santarelli (2000) vem acrescentar como essa percepção de moda é entendida como status e poder.

A sexta questão: “Escolheria outro tipo de material, que não fosse em couro, para vestir na prática? Qual?” Entender as dinâmicas atuais sobre inserção de outros materiais com o mesmo ou outro significado.

Domme 1 tem optado por peças em vinil tipo látex pela maleabilidade. Também pelo visual e pelo brilho do material. Prefere peças com aspecto brilhante e bem justas ao corpo.

Domme 2 relatou que dentro do contexto da dominação, outro material muito utilizado por ela é o látex. Por conta do acabamento brilhante. A mesma relatou que encontra dificuldade em encontrar peças específicas para as práticas no Plus Size. Também prefere peças em vinil.

Domme 3 diz que prefere o couro e o vinil. Algumas práticas usa o couro sintético por causa da mobilidade.

Domme 4 tem preferência pelo látex, mas relata incômodo por conta da temperatura, é um material produzido à base de borracha que não favorece quem mora em país de clima tropical. Relata que se o couro fosse mais acessível, financeiramente falando, adquiriria mais peças em couro.

Domme 5 também relatou que gostaria de usar o látex, mas de acordo com a mesma, não tem muitas peças nesse material aqui no Brasil.

Concluindo os relatos podemos perceber as possibilidades de outros materiais que podem ser usados para construir essa comunicação visual na roupa da dominadora. O vinil foi muito apontado por conta do seu aspecto brilhoso, que algumas comentaram como tendência de moda fetichista. O vinil lembra o couro por sua característica rígida na criação de peças, mas possui o brilho visual na sua superfície que não compara-se com o do couro. O látex também foi citado por ser um material que vai ajustar-se às curvas naturais do corpo dessa dominadora e causar a excitação e endeusamento necessário a pessoa submissa. Notamos que a construção da roupa da dominadora com materiais que simbolizam essa rigidez, brilho e siga as formas do seu corpo, são características imprescindíveis para que os participantes estejam realmente dentro dessas práticas. O forte apelo visual e simbolismo que o couro remete é inegável, mas outros materiais evocam o mesmo sentimento e trabalham muito bem para todos na relação BDSM.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou reflexão sobre a importância do couro nas práticas fetichistas da mulher dominadora no BDSM, por isso foi desenvolvido levantamento histórico, bibliográfico e pesquisa de campo para que compreendêssemos esses mecanismos simbólicos da roupa da dominadora como mecanismo de poder e fetiche. Encontramos essas referências na música, literatura, cinema e na moda. Artistas apropriam-se da imagem da persona dominadora para encantar seu público e passar a imagem de uma mulher muito bem resolvida com sua sexualidade.

A análise da simbologia das peças em couro na performance da dominadora reforçou a ideia que paira sobre a imagem de uma mulher trajando espartilho, com chicote na mão e usando salto alto: ela tem atitude firme e é dotada de poder. Ela é uma dominadora.

Percebemos que a mulher possui também sua própria narrativa sexual em qualquer época da humanidade, resistindo à sentença de que somente os homens são fetichistas. A partir das reflexões levantadas nessa pesquisa podemos perceber que a dominadora vivencia, com plena consciência e lucidez, seu direito a escolhas.

Atualmente, notou-se que a mulher utiliza a estética fetichista, não somente para momentos privados, mas é uma roupa que fala sobre liberdade, aceitação e desejo. A estética fetichista do século XXI é utilizada para desconstruir padrões de comportamento de gênero e como forma de representação política. A indumentária entrega força a essa mulher e reflete a evolução do traje da dominadora.

O couro teve, e ainda tem, grande protagonismo na idealização dessa figura, mas ela foi adaptando outros materiais à sua condição financeira, sua preocupação ecológica e aos seus fetiches. Ressignificando as práticas, problematizando a visão que a sociedade ainda possui por essas práticas e por essa mulher que escolhe enfrentar tudo isso coberta de fetiches e com um chicote na mão.

Pelo percurso da pesquisa e as entrevistas com as profissionais percebi o quanto a indumentária não pode ser pensada e nem retirada da prática. Materiais que oferecem essa rigidez na criação das peças são os favoritos para os envolvidos na prática do BDSM, pois outro material não suportaria as ações praticadas nas cenas de servidão, subjugação, espancamento, puxões, empurrões, pisadas e outras interações de força física. Outros

materiais rasgariam com mais facilidade, por isso o couro, e seus similares, são a matéria-prima principal na roupa e acessórios da dominatrix. O chicote não pode sofrer danos no momento do espancamento. O sapato não pode quebrar no momento do ato do *trampling*. As roupas e acessórios não podem falhar. Acaba não fazendo sentido para a prática a utilização de materiais mais frágeis para os atos mais extremos, acabaria frustrando os envolvidos. Nos estudos sobre o tema da roupa e seu simbolismo na prática do BDSM, que são diversos, decidi estudar sobre a relação da roupa na construção da imagem da mulher dominadora, mas podemos buscar compreender o significado da roupa entre a relação dominadora e submisso na relação sadomasoquista.

A roupa na prática do BDSM apresentou evolução em seus materiais, mas a carga simbólica que a acompanha possui uma força estética que perpetua-se com o passar dos anos. Dessa forma, para estudos futuros, podemos considerar a pesquisa de materiais que não causem impactos negativos ao meio ambiente como os de origem animal.

REFERÊNCIAS

- ALISON, L., Santilla, P., Sandnabba, N. & Nordling, N. **Sadomasochistically oriented behavior: diversity in practice and meaning**. Archives of Sexual Behavior, 30(1), 1-12, 2001
- AZEVEDO, Wilma. **A Vênus de Cetim**. São Paulo: Editora Ondas, 1986.
- BARROS, Marisa Dantas do Rego. **“Feministas, teclas e tapas”:** uma etnografia virtual sobre feminismos e **BDSM** / Marisa Dantas do Rego Barros. – 2019.
- BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras, 2012.
- BIRNBAUM, Pierre (Org.) **Le pouvoir politique**. Paris: Dalloz, 1975.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. de H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista mal-estar e subjetividade, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.
- BRAME, Gloria G.; BRAME, William D.; JACOBS, Jon. **Different loving: The world of sexual dominance and submission**. Nova Iorque: Villard Books, 1996.
- CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.
- CALIFIA, Pat. **El lado secreto de la sexualidad de las lesbianas**. monografias sexualidad, 2006. Disponível em:<<http://monografiassexualidad.blogspot.com/2006/10/anexos.html>>. Acesso em: 15/01/2022.
- CONDE, Linda. **A História do Sapato no Século 20**. São Paulo: Alexa cultural, 2004.
- FILHO, Cândido Couto. **O couro: história e processo**. UFC Edições, 1999.
- DANTAS, Jéssika Macedo Lima. **CorsetMaker: Projetando uma coleção de corsets**. Rio de Janeiro: Senai Cetiqt, 2011. 225p. Monografia (Graduação) - curso de Bacharelado em Design – Habilitação: Moda, Senai Cetiqt, Rio de Janeiro, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FACCHINI, Regina. Relatório Final do Projeto **“Mulheres, sexualidades, diferenças e mudança social na cidade de São Paulo”**. Relatório de pesquisa – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- FACCHINI, Regina. **Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM**. Revista Pensata, v. 1, n. 2, p. 6-25, 2012.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. **“Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro.** In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Revista Latinoamericana. Rio de Janeiro. n.14, p. 195-228, 2013.

FARDIN, GABRIELA. **A construção das memórias íntimas de uma personagem feminina em Fanny Hill: Memoirs of a Woman of Pleasure, de John Cleland, e na peça The Life and Times of Fanny Hill, de April de Angelis : aproximações e distanciamentos.** São José do Rio Preto, 2019

FERNANDES, Fábio. **A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos.** Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. III (**Estética: literatura e pintura, música e cinema**), 2001.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico.** São Paulo: Martin Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura.** São Paulo: Perspectiva, 2010a.

FREITAS, F. R. A. de. **Sexualidades: Prazeres, Poderes e Redes Sociais.** In: II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais UFG, Anais, 2011.

FREUD, Sigmund. (1927) **“Fetichismo”.** in S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, vol. XXI, 1996.

FREUD, Sigmund.(1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.VII.

FREUD, Sigmund.(1908). **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna.** In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.IX.

KRAFFT-EBING, Richard. **Psychopathia sexualis.** Trad. francesa de E. Laurent E. e S. Csapo S. Paris: Georges Carré Editeur, 1886.

GARCIA, C; MIRANDA, A.P. de. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos.** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos. Erotismo, gênero e limites da sexualidade.** Tese apresentada e defendida para o concurso de Livre-Docência do Departamento de Antropologia. IFCH, Unicamp, 2010.

- HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- JONES, Sue J. **Fashion design: manual do estilista**. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- JONES, Gerard. **Homens do Amanhã: geeks, gângsteres e o nascimento dos gibis**. São Paulo, Conrad Editora, 2006.
- JUNIOR, C. A. S. G.; MEDEIROS, M. P. **Masculinidade: uma subversão no contemporâneo? Disciplinarum Scientia**. Santa Maria-RS: Centro Universitário Franciscano. v.4, n.1, 155-170, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo. Editora Atlas SA, 1996.
- LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- LEITE JR., Jorge. **A cultura S&M**. 2000. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2000.
- LEITE JR., Jorge. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo**. Relatório final da bolsa de Iniciação científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000a.
- LELY, Gilbert. **The marquis de Sade**. Editora Grove Press, 1970.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MOTA, Ana; OLIVEIRA, Alexandra. **Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega. Um estudo sobre sadomasoquismo**. VII congresso português de sociologia, 2012, Porto, FPCEUP.
- MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.
- NOMIS, Anne O. **The History and Arts of the Dominatrix**. Mary Egan Publishing & Anna Nomis Ltd. p. 29-62. ISBN 978-0992701000, 2013.
- O’KEEFFE, Linda. **Sapatos: uma festa de sapatos de salto, sandálias, botas**. Edição Portuguesa: H.F. Ullmann, 2008.
- OLIVEIRA, Eduardo C. **Naturismo e identidade**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro

de Ciências Sociais. 2004.

OLIVEIRA, Andréa. **A história do vestuário - os costumes de cada época**. Cursos CPT, 2013. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-confeccaoroupas/artigos/a-historia-do-vestuario-os-costumes-de-cada-epoca>>. Acessado em 10/01/2022.

PEARSON, Laís - **Universidade Aberta/2 Fascículo nº 1 – Texto 1**. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1994.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, jun. 2009.

PEREIRA, Roseana Sathler Portes. **O corset como objeto-fetice na Inglaterra Vitoriana e as crises de valores nas dinâmicas entre classe e gênero**. ModaPalavra e-periódico, v. 13, n. 29, p. 14-42, 2020.

PIRES, Rogério Brittes W. **O conceito antropológico de fetice: objetos africanos, olhares europeus**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2004. p. 340.

PITAGORA, D. **Consent vs. coercion: BDSM interactions highlight a fine but immutable line**. The New School Psychology Bulletins, 10(1), 27-36, 2013.

RICHARDSON, Jane; KROEBER, Alfred L. **“Three Centuries of Women’s Dress Fashions: A Quantitative Analysis”**. University of California Anthropological Records 5(2) páginas i-iv, 111-153, 1940.

SACHER-MASOCH, Leopold. **A Vênus das peles**. LeBooks Editora, 2019.

SANT’ANNA, Mara Rubia. **Teoria da Moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, Estação das Letras, 2007.

SANTARELLI, Christiane Paula Godinho. **O consumo da moda nas classes economicamente inferiores**. São Paulo: USP, 2000.

SERRÃO, Caroline Roberta Vial. **Espartilho: das amarras do século XVI ao fetichismo**. Colóquio de moda. Cultura comunicação oral, 2013.

SCOFIELD, Laura. **BDSM para baunilhas**. Jornalismo Júnior, 2019. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/bdsm-para-baunilhas/>>. Acesso em: 12/01/2022.

SHAKTI, Agni. **Dicionário de fetiches e BDSM**. Rio de Janeiro: Idéia e Ação, 2008.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos**. 2ª edição. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2014.

SILVA, Kleber Lopes da. **“É coisa para macho”: a construção de masculinidades nos encontros de motociclistas em Goiânia**. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Goiás: Goiânia. 2016.

SILVA, Vera Lucia Marques da. **A psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais**. Vivência: Revista de Antropologia, v.1, n.48, p.1-14, 2016

STEELE, Valerie. **Fetichismo: moda, sexo e poder**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VASCONCELLOS, Nuta. GMS. 2016. Disponível em:

<<http://www.gwsmag.com/o-retorno-do-espartilho-as-mulheres-voltaram-a-se-espremer-nesse-acessorio-controverso/>>. Acesso em: 10/01/2022.

VILLAÇA, N.M.S. **A Cultura do fetichismo: corpo e moda**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 27. Porto Alegre. Anais Intercom, 2004.

WEISS, Margot. **Techniques of pleasure**. Duke University Press, 2011.

ZILLI, Bruno. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ZILLI, Bruno. **O consentimento no discurso de legitimação do BDSM: sentimentos ou livre-arbítrio**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia: Dilemas da (Des) Igualdade na Diversidade, 2008.

ZILLI, Bruno. **BDSM de A a Z: a despatologização através do consenso nos “manuais” na Internet**. In: **Prazeres Dissidentes**. Organização María Elvira Díaz-Benítez e Carlos Eduardo Fígari - Rio de Janeiro: Garamond, p. 481- 508, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

TEMA DA PESQUISA: PERCURSO DO COURO NO BDSM

OBJETIVO DA PESQUISA: COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DO USO DO COURO NA

PRÁTICA BDSM PESQUISADORA: RENATA DE OLIVEIRA SANTOS

ORIENTADORA: Profa. Dra. ALINE TEREZINHA BASSO

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

DATA DA ENTREVISTA:

- 1) Como e onde conheceu o BDSM?
- 2) O que te interessou no BDSM para tornar-se Dominadora?
- 3) Você possui muitas roupas e acessórios em couro para a prática? Pode citar algumas? 4) O que você sente ao usar essas peças em couro?
- 5) O que consegue observar, no outro, quando está a usar essas peças em couro no ato de dominar?
- 6) Escolheria outro tipo de material, que não fosse em couro, para vestir na prática? Qual?